

Letras e Artes

Ano 3.º — N.º 134

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Domingo, 14-8-1949

DE Joaquim Nabuco ninguém suponha que tenha sido sempre o homem suave que o Brasil viu pela última vez em 1906, tão distante das agitações brasileiras do momento como se já fôsse um contemporâneo da posteridade. Nos seus dias de abolicionista, de federalista, de monarquista, êle fôra também homem áspero. Homem de palavras duras, de gestos incisivos de lutador. De atitudes de quem não temia nem a intolerância dos grandes poderosos do dia nem a fúria das multidões voltadas contra os oradores; que nem sempre dizem o que êles querem volutuosamente ouvir.

Joaquim Nabuco nem sempre disse o que seria agradável aos ouvidos das multidões. No próprio Teatro Santa Isabel chegou a ser vaiado.

Nem sempre disse o que seria agradável aos ouvidos da maioria do Parlamento. Mais de um discurso seu foi repellido pelo Bom Senso, ou pela Ortodoxia parlamentar da época, como heresia política.

Nem sempre disse o que seria agradável aos ouvidos de sua Majestade. Nem aos ouvidos de Suas Excias. Revmas. os Senhores Bispos. Nem aos ouvidos dos Senhores Barões e dos Senhores Viscondes, donos de terras, donos de homens e donos de mulheres.

O homem do mundo que ficou célebre pela voz macia de filho de baiano com que falava com as mulheres nas côrtes mais elegantes da Europa, pelos gestos suaves com que encantava as baronesas e as viscondessas decotadas e cheias de jóias, nos salões da côrte de Pedro II, pela correção litúrgica com que sabia curvar-se, dentro da sua casaca inglêsa, diante de um papa todo de branco ou

de um príncipe de Igreja coberto de púrpura, êsse homem macio, êsse homem suave, êsse homem litúrgico, êsse filho de baiano e de pernambucana, foi, na campanha da Abolição, o mais desassombrado e, às

vezes, o mais agreste dos Jões Batistas, ousando dizer a palavra dura mas precisa, áspera mas necessária, a homens poderosos, a viscondes, a barões, a grandes do Império, ao próprio Imperador, a bispos e padres

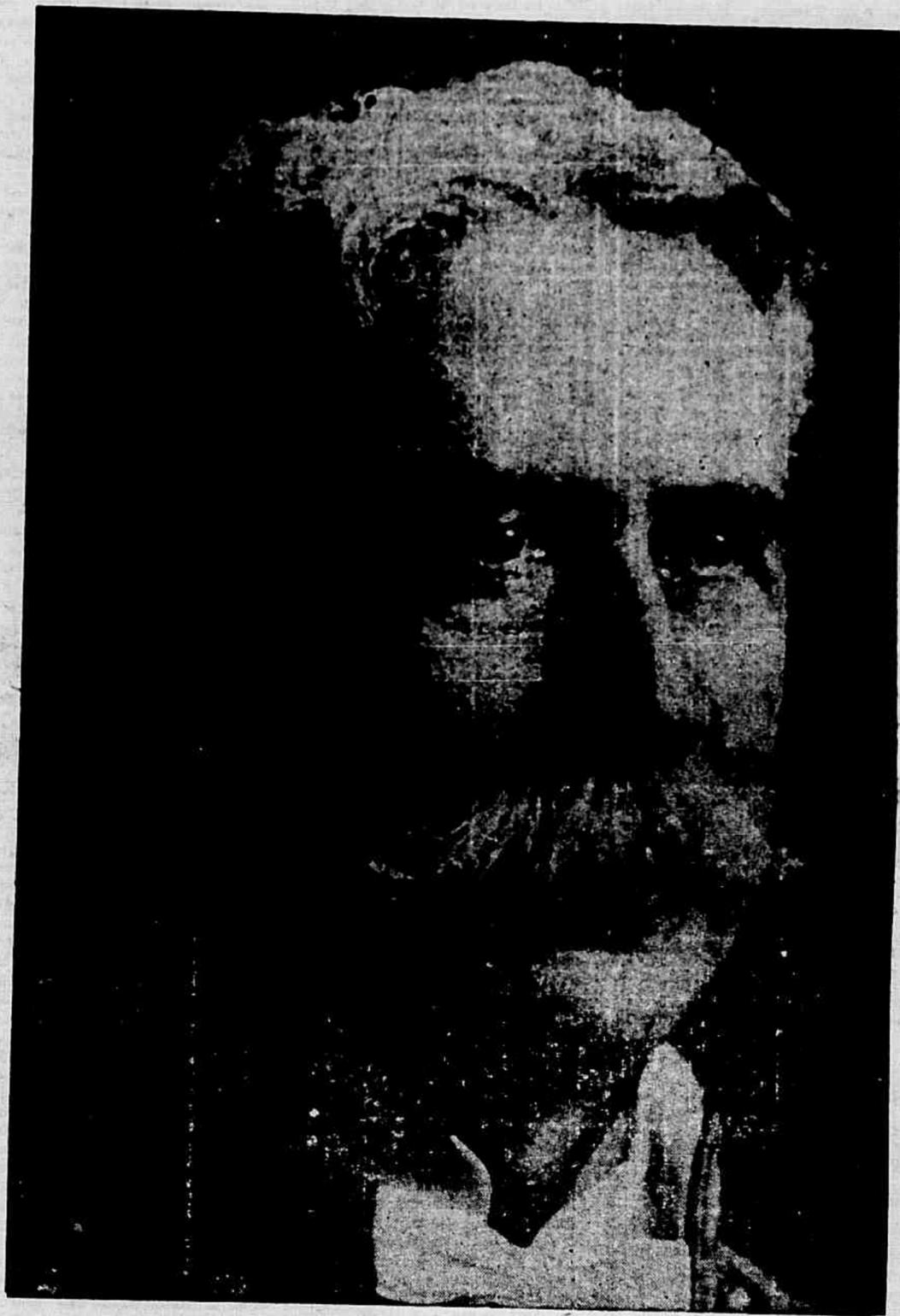
que por algum tempo o acusaram de inimigo da Igreja, quando êles é que comprometiam a Igreja de Cristo, fazendo-a serva não dos cativos mais necessitados de amparo cristão, porém dos donos mais ricos de

terras e de homens, dos mais opulentos senhores de altares e de cemitérios privados.

Chamaram-lhe "petroleiro". E a verdade é que êle foi uma figura inquietante de renovador. O adolescente que, no colégio, não sabia decorar lições e incomodava os mestres rotineiros com seus modos pessoais e novos de responder aos pedagogos, teria forçosamente que incomodar os ainda mais rotineiros políticos e estadistas do Brasil do seu tempo, tantos deles meninões barbados a recitarem lições aprendidas de cor com juristas e tratadistas já gastos, alheios a fatos novos, estranhos ao próprio Brasil, sem olhos para enxergarem o já próximo século XX.

O estudante de Direito que na Academia do Recife quase não encontrara nos mestres, também rotineiros e secos, senão "poços estagnados", teria forçosamente que escandalizá-los e até alarmá-los com sua visão nova das relações entre os homens e dos direitos dos homens de trabalho. Escandalizou-os. Alarmou-os mais do regionalmente brasileiros que Tobias Barreto, sempre alheio a problemas como o da escravidão.

Era natural que a rotina gritasse contra Nabuco: "Petroleiro!" "Anarquista!" "Comunista!" A verdade é que Joaquim Nabuco não pertenceu rigorosamente, na vida pública, a "ismo" nenhum. Foi, porém, a seu modo — isto é, sem decorar passivamente, com mestres estrangeiros, lições para recitá-las nos dias de festa — um dos maiores revolucionários que passaram pela política brasileira. Um grande independente na sua maneira de ser homem público.



JOAQUIM NABUCO

JOAQUIM NABUCO, HOMEM INDEPENDENTE

GILBERTO FREYRE

JOAQUIM NABUCO

TRISTÃO DE ATHAYDE

Pois bem, dessa literatura imperial semeada, tratada, crescida na estufa do Parlamento, a flor mais pura e mais bela, a flor mais fresca também, a derradeira. é a de Joaquim Nabuco.



Nabuco, em 1906.

quinta Nabuco. Flor de estufa, sim não se pode negar. Flor de um longo artifício imperial e parlamentar, ainda imperfeitamente radicada em nossa gleba infértil e ruda — mas flor de um longo calor de equilíbrio moral e de serenidade de caráter, de cultura da inteligência e de educação do gosto. Joaquim Nabuco não foi um artista total e apaixonado, como Castro Alves, nem um puro parlamentar, como Nabuco de Araújo, nem um

amargurado, em quem o senso político e senso estético se disputavam como Raul Pompeia. Nabuco foi o último momento feliz de uma raça e de uma instituição. Ele veio como expressão literária palpável e viva, dessa longa inspiração desperdiçada para as letras entre as paredes das duas Câmaras. Nabuco foi uma fusão, uma síntese, uma harmonia. Como mostrou Graça Aranha, em páginas admiráveis de penetração e de coriário, ele desceu da aristocracia à plebe para melhor realizar o seu messianismo. Foi um nobre e um clássico. Sua obra de historiador é, até hoje, a que de mais elevado e justo escreveu sobre o segundo reinado. Sua obra de publicista é toda ela impregnada do mesmo sentimento harmonioso da realidade. Sua obra de pensador é toda ela repassada daquele sentimento do divino que vimos na raiz de toda literatura imperial. Foi uma grande alma. E a inteligência não se destacava nele como atividade isolada, como habilidade especial, o que é tão comum, — mas harmoniosamente se integrava na unidade interior que sempre guardou. Sente-se nele o equilíbrio de todas as faculdades. Não foi um gênio criador. Não foi um espírito inventivo. Não era essa a sua missão, nem o segredo de sua origem. Mas chegou justamente como a despedida de um regime, como a última flor do Império e não como iniciador de uma era nova. A República não podia compreendê-lo, nem ele a ela — apesar de se ter batido pelas duas grandes idéias políticas que levaram a República: a Abolição e a Federação. Tinha-o suscitado o espírito do Império brasileiro. E foi ele quem veio fechar a porta ao Império, com toda a beleza impercível de um gesto discreto e fiel.

Através dos suplementos

O LIVRO EM CRISE

DJALMA VIANA

O LIVRO está em crise — e isso é um fato. Andam as moscas as livrarias, fecham-se e abrem-se as bibliotecas como se fossem distantes cemitérios, sangram os próprios sebos na defloração dos frequeses. Inúmeras são as empresas editoras, treze se não me engano e se não é fatídico o número, já bateram as portas e encerraram as suas atividades. Pais a dentro, como pode informar qualquer viajante mais curioso, o fenômeno que ocorre é realmente pitoresco: — Mudam de ofício os livreiros.

O que ontem era uma livraria, é hoje um bazar com o seu balcão de "coca-cola". Exaustas e parafusos ocupam as estantes que, dias atrás, exibiam as traduções de Dostoiévski e os raros romances nacionais. Ao invés de mapas geográficos indicam as esquinas do mundo e as mudanças mantas de caraque. Em crise, pois, o livro. Mas, como sempre aconteceu quando uma mercadoria entra em crise, opinam os técnicos o ausência os interessados. Para alguns, a crise do livro decorre do poder aquisitivo, rasteiro e baixo. Para outros, avém como lógico efeito da própria crise da cultura (não senso, por isso mesmo, uma crise nacional, mas internacional). Para outros, porém, surge como simples consequência das complicações pedagógicas. E, finalmente, para alguns raros, a crise do livro tem aqui a sua espinha dorsal: — Os ouvidos superam os olhos.

Acredito, eu que sou apenas leitor, tenham todos um pouco de razão — menos, está claro, os que acham esteja o busilho no poder aquisitivo. Poder aquisitivo, eu juro, não é. E nem poderá ser desde que, aos domingos, saibamos ver as coisas. Os tipos gemem com grunha alta para o futebol e as corridas de cavalo, pagam caro o teatro e o cinema, entornam os vinhos galeses, e golam os automóveis importados. Livro, porém, não. De modo algum. Estas, ao que penso, são ilustrações concretas. E há outras não menos concretas. Grana não falta para a geladeira, a eletrola de quinze pacotes, os tapetes egípcios, o uisque diário, o buraco e o pif-paf — perdõe-me o Millôr Fernandes —, nos lares grã-finos, médicos e semi-médicos há de tudo do bom e do melhor. Só não há, é óbvio, o que precisava haver: — O livro.

Logo, se há dinheiro para as festas e alegrias do corpo, se dinheiro sobra para a gasolina e as cervejas, temos que convir que a fórmula tem o seu peso e a sua medida: não se compra o livro por escassez de dólares, mas tão somente porque se repele o livro. Uma premissa, como se vê. Uma premissa direta, diria Eurialo Canabrava que, por sinal, compra e escreve livros. Mas por que se repele o livro? Aqui, sem a menor dúvida, e que se reúne, uma a uma, todas as causas:

— Repele-se o livro porque, ao tempo da educação laurenciana e leonina, não se adquiriu o hábito da leitura. Repele-se o livro porque, ampla sendo a indolência mental e rasa a erudição, bem melhor é ainda "ouvir" que "entender". Repele-se o livro porque, esportivos os miolos, mal

vale cravar o bate-papo doméstico que sofrer em sangue a agonia dos loucos.

O livro, sobretudo para os doutores — sempre os doutores incapazes de um exame dois anos após a formatura — é um objeto sem sentido. Concentra a poeira. Recruta as traças. Avorrece os visitantes que exclamam: "Mas você, um sujeito sensato, com estes tropecos em casa!" Liga-se então o rádio e, já sabem, maviosa é a novela que, além do mais, poupou aos moços o uso de ocultos... De resto, em época tão trepidante, de praias tão macias e bailes tão gasosos, quem será capaz de trocar o calor do sol e da amada pela frieza miserável de um ensaio crítico? As razões psicológicas, pois, que explicam a crise do livro, são centenas. E, como o desprezo pelo livro já se generalizou — pois os que lêem já são considerados excêntricos — como a incultura já caracteriza a melhor gente e a melhor praça, acontece que ninguém mais precisa ler (e ler mesmo no sentido de estudar) para conquistar os títulos da terra e as posições do mundo. De um ilustre professor sei, homem que fatalmente ganhará estátua quando morrer, que, lecionando para os alunos, disse: "Cristóvão escreveu a Bíblia". Sei também de um magistrato, sempre capaz de acabar acadêmico e medalhado, que, eufetizando-me do alto de sua sabedoria, exclamou:

— Como pode você suportar um poema?

Naturalíssimo, pois, que as livrarias anunciem os seus estoques e anunciem como aquela casa da rua São José: "Livros a qualquer preço, queremos vender tudo — abriremos uma loja de discos novos e usados!" Sempre é melhor ouvir, eu não discuto. Para os que não são surdos, está claro. Ouvindo, dispensável se torna a crítica, o trabalho da interpretação e, como o tempo é duro egoísmo, ninguém participa com ninguém. O livro, não, é um obstáculo trágico. Ele exige que se saiba ler e saber ler, como dizia aquele norte-americano, não significa que se atravesse uma página de jornal como se atravessa o tunel de Copacabana. Ler, em verdade, é uma tarefa complicada. Cansa. Exaspera. Força a discordância e provoca, em consequência, a necessidade de pensar. E aqui está outra coisa imensuravelmente grave:

— Pensar em monólogo!

Quando muito, flagrante substituição de Dickens e Steudhal para o homem moderno, as historietas em quadrinhos. Nelas, o esforço máximo. Toda a concentração mental, a maior energia da inteligência para sentir a ambição de Kaluna e a coragem sensacional de Kionga. Mas, a vítima de si mesmo, e à proporção que o livro anda para a morte nesta sua patética posição de agnificante, já por estreiteza intelectual não pode perceber o seu adversário que a sua ausência impõe monstruosamente a escravidão. Sem um livro aberto, com a leitura constante e completa, tudo se conseguirá — o gozo dos bens do mundo e do mundo todas as ofertas de Epicuro. Tudo, eu digo, menos a liberdade. A crise do livro, menos uma crise de cultura, é mais uma crise da própria liberdade. Incapaz de ler, por vício ou por ignorância, torna-se o sujeito incapaz de julgar. Julgar e criticar, criticar e discernir. Aceita o que lhe gram como aceita as historietas do Superman ou as lágrimas das atrizes das novelas radiofônicas.

car, criticar e discernir. Aceita o que lhe gram como aceita as historietas do Superman ou as lágrimas das atrizes das novelas radiofônicas.

E' o clima em que se farta o demagogo. As toupeiras, diria Rui — sim, o Rui do meu amigo Américo Jacobina Lacombe — vão as tribunas parlamentares. Transfiguram-se em dogmas os ineditais dos jornais. Surge então o calote amigo dos totalitários, dos que se sentem com a vocação de comando, de todos os que se habituaram a tanger a massa assim como os vaqueiros tangerem os seus gados. Sem o livro, pois, foi um dia o regime democrático. Ninguém sabe o que quer e, como ninguém é capaz de argumentar e destruir as teses, perde-se voluntariamente a liberdade. Mas os raros, sempre os raros que julgaram ser possível aos portos preferir o leite à abóbora, esses têm dois caminhos:

— Ou estouram os miolos com um revólver ou, considerados inimigos da sociedade e dos Estados, vão meditar Montaigne em um campo de concentração.

Por estranho destino e talvez porque provoque no fundo dos estômagos a condição humana da crítica, o livro foi e será sempre a máquina a construir opositores. E por isso mesmo é que o detestam os ditadores de todos os países e todas as medidas. Sobre ele sempre foi fatal a censura dos "gênios políticos." Mas, como a imbecilidade talvez seja uma segunda natureza, não temos que esperar da crise do livro grande coisa — um pequeno retrocesso apenas e um retrocesso talvez menor que este que aqui vejo em minha Remington portátil. Voltaremos a comer abóbora, voltaremos a adorar nossos pagés, voltaremos a crer na propaganda organizada como uma expressão infalível e teosófica.

Não há de ser nada, porém. Em sua decadência compulsória, apesar de tudo, de todas as perspectivas que possam ser pardas ou vermelhas — e sobretudo negras —, o livro nos consola à sombra de uma extraordinária presença. Uma extraordinária presença, eu repito. Seus fiéis serão poucos, talvez cinco ou dez. Hoje, quando os que o lêem já não formam um depósito popular em Caixa Econômica, de qualquer modo, ele ainda tem leitores. Amanhã, quando já não os tiver nenhum, mínimos serão os escritores. No batente, ficarão apenas os condenados, os onde-boi, os que não possam fugir a uma vocação do inferno e, ocultos do mundo e dos ventos, comporão em ladainhas as explosões do sangue. O triunfo, afinal, esmagador e indestrutível, da Torre de Marfim.

Como aquele tipo, Franz Kafka, os derradeiros fiéis relatarão os nervos sem assistência, não pensando e não desejando mais nada que o silêncio dos túmulos. Escrever para si mesmo, unicamente para satisfazer a si mesmo, tão somente para não acabar em um manicômio ou em uma penitenciária. E o livro, tão vulgarmente repellido por uma humanidade que voará melhor e melhor se alimentará de vitímicas e grão-de-bleio, poderá reabilitar-se no valor de outra qualidade:

— Aristocrático, afinal, como devem ser aristocráticas as boas coisas da terra quando a democracia morre!

Letras e Artes

ORIENTAÇÃO

DE

JORGE LACERDA

COLABORADORES:

Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alcântara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Almeida Fischer, Almeida Sales, Alphonsus Guimarães Filho, Alvaro Gonçalves, Anibal Machado, Anor Butler Maciel, Antonio Rangel, Bandeira, Ascendino Leite, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer Batista da Costa, Breno Acioli Brito Broca, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Christiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Cláudio I Barbosa, Dalton Trevisan, Dâmaso Rocha, Dantas Mota, Dinah S. de Queiroz, Eugênio Gomes, Euryalo Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Adour da Câmara, João Condé, Joaquim Ribeiro, J. P. Moreira da Fonseca, José Lins do Rego, Jorge de Lima, José F. Coelho, José Geraldo Vieira, José Simeão Leal, Josué de Castro, Josué Montello, Leony de Oliveira Machado, Léo Ivo, Ligia Fagundes Teles, Lopes de Andrade, Lucio Cardoso, Luiz Jardim, Manuelito de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Mario Quintana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novelli Junior, Neli Dutra, Octavio de Faria, Olímpio Mourão Filho, Oliveira e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai, Peregrino Junior, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Roger Bastide, Rogerio Corção, Roland Corbister, Rosario Fusco, Rubem Bifalora, Santa Rosa, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Silvio Elia, Sylvio da Cunha Tasso da Silveira, Temístocles Linhares, Thiers Martins Moreira, Umberto Peregrino, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo, Xavier Placer.

ILUSTRADORES:

Alfredo Ceschlatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcier, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Noemia, Oswald Goeldi, Paulo O. Flores, Paulo Vincent, Renina Katz, Percy Deane Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr.

Noticiário

A grande obra de Silvio Romero

De há muito que a 3.ª edição da "História da Literatura Brasileira", de Silvio Romero, organizada e prefaciada por Nelson Romero, tendo aparecido em 1944, se havia esgotado. Trata-se de uma obra básica para todos os estudiosos das nossas letras, sobretudo nessa monumental edição de cinco volumes, em que o filho do autor, segundo o plano deste, reuniu tudo o que Silvio Romero não tivera tempo de compendiar em volume, ou que publicara separadamente com o propósito de encantar na obra. O crítico sergipano foi, indiscutivelmente, uma das mais robustas figuras das nossas letras. E no terreno da história literária o que ele realizou, numa época em que a ausência de subsídios bibliográficos era absoluta, em que nada ainda estava sistematizado, deve ser considerado um verdadeiro trabalho de gigante. E de esperar-se que esta nova edição, lançada pela Livraria José Olympio, ofereça nova oportunidade para se apreciar os méritos de Silvio Romero.



"Joaquim Nabuco, advogado do Brasil"

Dando prosseguimento à série de palestras com que o Itamarati está comemorando o centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, o escritor e parlamentar Afonso Arinos de Melo Franco proferiu, segunda-feira última, no Ministério das Relações Exteriores, perante enorme assistência, apreciadíssima conferência, na qual focalizou a atuação do ilustre patriota como advogado do Brasil na questão da Guiana Inglesa.

A sessão foi presidida pelo chanceler Raul Fernandes, que fez a apresentação do orador, enaltecendo as suas qualidades de escritor e a sua grande cultura.

Posição de "Orfeu"

O grande poeta português José Régio, referindo-se recentemente à revista "Orfeu", acentuava que residia no fato de a mesma ser livre o seu poder de resistência. Já o público brasileiro se habituou ao tom de debate dessa revista de novos, e não deixa de ser interessante registrarmos aqui a recente opinião do poeta Bueno de Rivera, o qual declarou:

— "Orfeu" vai definir, separar as águas, afirmar o que é realmente novo".

E' esse objetivo de proceder a exames e julgamentos e buscar novos processos de criação que determina a significação de "Orfeu" no concerto das revistas jovens brasileiras, e a tornar merecedora de aplausos.

"Cântico", de Lêdo Ivo



Sendo o mais jovem dos grandes poetas brasileiros, Lêdo Ivo de há muito se impôs ao cenário cultural do país, como uma das figuras mais simpáticas e singulares. Manejando ao mesmo tempo a poesia e a prosa, em ambas obteve dois prêmios importantes. Agora, a Livraria José Olympio Editora anuncia a publicação de "CANTICO", livro de poemas desse jovem escritor. Dando uma forte contribuição a este ano poético ainda tão incaracterístico, Lêdo Ivo se apresentará naturalmente como já o saudamos por várias vezes: numa segura e inquietante ascensão de suas tão pessoais e inconfundíveis qualidades artísticas.

O que nos chega dos Estados

De São Lourenço, Minas Gerais, recebemos "A Esplanada".

★ "Correio das Artes", suplemento literário de "A União", de João Pessoa, continua mantendo o mesmo alto padrão que tanto surpreendeu os círculos intelectuais do Rio. E' o que nos demonstram os últimos números recebidos.

★ De São Paulo, recebemos o quarto número de "Alliança". Revista de Cultura Franco-Brasileira, órgão dos alunos da Aliança Francêsa daquela capital.

★ De Atibaia, São Paulo, recebemos o terceiro número da simpática revista "Tentativa", superiormente orientada por André Carneiro, Cesar Memio Jr., Dulce G. Carneiro. Há uma peculiaridade nessa publicação literária: suas colaborações, dos melhores nomes do país, são inéditas, e especiais para a revista.

★ Um romance nos vem de Goiás: "Plum", de Eli Brásillense. Edição da Bolsa de Publicações "Hugo Carvalho Ramos", instituída pela Prefeitura de Goiânia. Assunto regional e realização interessante.

"O Culto da Grandeza"



Inspirando-se, certamente, no pensamento de Emerson, o sr. Humberto Grande procurou apresentar-nos um grupo de "homens representativos", no livro "O Culto da Grandeza" (Ed. Ipê). Uma obra que visa assim concorrer para a reabilitação dos valores humanos, num momento em que eles se vêem tão ameaçados, tornando-se, assim, ao mesmo tempo, um exemplo e um incentivo. Cada uma das figuras focalizadas traduz, no fundo, uma lição que o autor sabe receber com a penetração do seu senso interpretativo.

Um livro de Gofredo Teles Junior

O sr. Gofredo Teles Junior é um dos espíritos mais sérios de novas gerações literárias brasileiras, espírito cuja força se vem revelando simultaneamente na política e nas letras. Neste último terreno são, sobretudo, os estudos sociológicos, jurídicos e filosóficos que o atraem. Livre docente da Faculdade de Direito de São Paulo e professor de lógica do antigo Colegio Universitário de S. Paulo, acaba ele de publicar um "Tratado da Consequência", (curso de lógica formal com uma introdução à filosofia). Apesar de certo caráter didático da obra, ela foi escrita dentro de pontos de vistas próprios do autor e de acordo com os mais modernos estudos sobre o assunto.

Concurso de Sonetos

Comunicamos aos que participaram do nosso concurso de sonetos que, dentro em breve publicaremos o resultado final desse certame. Já temos em mão o pronunciamento dos seguintes membros da comissão julgadora: Cassiano Ricardo, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida. Não tendo podido atuar nessa comissão, por motivos particulares, a poetisa Cecília Meireles foi substituída pelo crítico Osmar Pimentel, escolha feita muito a propósito, dada a maneira brilhante por que esse escritor se vem conduzindo no seu rodapé de crítica num matutino paulista.

A Revista "IPASE"



Dando cumprimento a uma norma estatutária, o sr. Alcides Carneiro, presidente do IPASE, promoveu o lançamento regular de uma revista destinada ao funcionalismo, e na qual não só se divulgam as realizações do Instituto, como são focalizados assuntos de caráter cultural e educativo. A revista "IPASE", da qual já saíram 11 números, mantém ainda uma seção de interesse geral, que estuda as principais figuras do nosso passado literário em sua função de funcionários públicos. Assim, já mereceram ensaios especializados, de autoria de importantes figuras

de nossas letras, os seguintes nomes: Mário de Andrade, Machado de Assis, Manuel Antonio de Almeida, João Alphonso, Lima Barreto, Graça Aranha e outros.

O romance de Clarice Lispector

O grande acontecimento literário do mês é sem dúvida o lançamento de "A CIDADE SITIADA", terceiro romance de Clarice Lispector. Em ampla reportagem publicada há algumas semanas, este suplemento teve oportunidade de focalizar a personalidade de Clarice Lispector, aproveitando para isso o seu retorno da Suíça, onde aliás foi escrito este romance, ora lançado pela Editora A Noite, em conexão com o Livro do Mês.

Mergulhando na análise psicológica para focalizar o destino de uma mulher numa cidade invadida pelo progresso, Clarice Lispector apresenta ao público uma história admirável pelo seu estilo, pela sua atmosfera feérica e pela riqueza das situações. Não bastasse isso, temos na autora de "A CIDADE SITIADA" uma romancista de poderosa originalidade, que trabalha com os seus verdadeiros materiais, num domínio personalíssimo e vasta sugestão humana e artística.



Últimas edições

★ Eduardo Palmerio, cujo humorismo já é bem conhecido através das crônicas, sob o pseudônimo de Camarada Lorotoff, apresenta no livro "100 Comentários" uma seleção de suas melhores páginas — (Ed. J. Olympio).

★ Em tudo se pode encontrar o pitoresco. O sr. Dilermando Duarte Cox acaba de revelar isso no livro recentemente publicado: "A fiscalização do imposto de consumo e o seu lado pitoresco".

★ "Mosalcos" é um livro de sonetos de Heilo Chaves. Muito boa técnica, inspiração modernista.

★ Também o Oriente seduz os nossos poetas. Eis aqui o sr. Afrânio Lício Miranda reunindo num livro sob o título: "O Espelho de Izanagui", com introdução de José Geraldo Vieira, poemas inspirados em motivos japoneses, revelando finura e originalidade.

★ Os poetas continuam fecundos. Waldir Ribeiro do Val publica um livro de versos — Orvalho — com prefácio de Ciro Vieira da Cunha.

★ "Maria China", o romance de Ismaelino de Castro, colaborador da "Manhã", vem despertando a atenção do público, sobretudo pelo ineditismo do assunto: a vida do cárcere. O ambiente é visionado através da alma da heroína Maria China, o que destaca igualmente o autor como um analista de almas.

Aos nossos colaboradores

Em virtude dos numerosos especiais dedicados, anteriormente, a Camus, hoje a Nabuco e dentro de quinze dias a Goethe, temos sido obrigados a adiar a publicação de muitos artigos pelo que pedimos desculpas aos nossos co-

Edição de LETRAS E ARTES comemorativa de Goethe

No próximo domingo, 21 do corrente, LETRAS E ARTES não circulará, sendo substituída pelo suplemento científico "Ciência para Todos". Isto para que tenhamos tempo de preparar e possamos lançar com oportunidade o número especial, comemorativo do centenário de Goethe, no dia 28 do corrente, justamente o domingo, em que segundo a praxe LETRAS E ARTES não devia aparecer.

Conferência do Coronel Leony Machado na Academia Brasileira



Constituirá, sem dúvida, uma das notas de maior relevo das comemorações do centenário de Goethe nesta capital, a conferência que o Cel. Leony de Oliveira Machado vai realizar no dia 23 de agosto, às 14 horas, na Academia Brasileira de Letras. A sessão será presidida pelo sr. Gustavo Barroso, presidente daquela entidade, versando a conferência sobre o tema "Os amores de Goethe". LETRAS E ARTES, que patrocina essa palestra, tem o prazer de convidar todos os seus colaboradores e leitores para assistir-

Publicações "Cronos"

A interessante revista "Cronos" vai iniciar seu movimento editorial com uma série de trabalhos colecionados sob o título "Cadernos da nova geração", os quais abrangem teatro, ficção, crítica, poesia, ensaio, folclore, etc. Já foram programados os seguintes trabalhos: Ficção — "Sete Cartas", livro de estréia de Célio Lyra — "Personagens no tempo", de Saldanha Coelho. Ensaio — "Alguns estrangeiros no Brasil", de Léo Rodrigues de Almeida — "Literatura e Filosofia", de Nisio Baptista Martins; Teatro — "O Rei da floresta", de João Bethencourt; Poesia — "Poesia de hoje", coletânea organizada por Pedro Luiz Masil.

Uma seção dos novos

Merece especial destaque a seção literária que os novos iniciaram no "Jornal do Comércio" e que foi apresentada, há cerca de vinte dias, por Augusto Frederico Schmidt. Comentários, pequenos estudos e poemas dignos de nota já ali vêm aparecendo assinados por José Paulo Moreira da Fonseca, Heilo Jaguaribe, Lorenzo Fernandez e outros, que se têm mostrado à altura dos programáticos traçados por Schmidt.

Rousseau, Diderot e o jornalismo

Rousseau e Diderot não tiveram a precência do que seria o jornalismo no futuro, como veículo do pensamento. Ambos se declararam contra as gazetas hebdomadárias que circulavam nas últimas décadas do século 18, como nocivas, principalmente à literatura, quando desde o começo do século 20 elas passariam a ser um dos meios mais eficazes para a vulgarização das letras.

O novo romance de Adonias Filho



Intitula-se "Memórias de Lázaro" o novo romance de Adonias Filho, do qual o "Jornal de Letras" vem de publicar um admirável capítulo.

Voltado para a sua terra natal, que é a Bahia, Adonias Filho traduz e transfigura nas páginas de seu segundo romance, o ambiente que se lhe gravou desde a infância nas retinas, dando-lhe a visão universal e a emoção artística susceptíveis de situá-lo em um verdadeiro contorno romanesco. Cumpre acentuar que nem sempre esse critério artístico, de aliar a análise psicológica à exploração de ambientes

regionais, tem sido seguido em nossas letras, o que valoriza ainda mais o critério seguido pelo autor do admirável "Os Servos da Morte".

"Le Cimetière Marin" em português

Mais um empreendimento da revista "Orfeu" é anunciado para o corrente ano: o lançamento da tradução ao português, por primeira vez feita, do "Cimetière Marin", de Paul Valéry. "O Cemitério Marinho", traduzido por Darcy Damasceno, será lançado até fins de setembro, em edição de luxo, com introdução e notas críticas de Roberto Alvim Corrêa.

A semana do novíssimo de 48, em S. Paulo

Está sendo comemorado em S. Paulo a "Semana do Novíssimo de 48", com conferências de Sergio Millet e Carlos Buriamaquil Kopke, concertos, exposição de desenhos e esculturas de Cary Pentead e, igualmente, uma exposição de poesia com a participação de Cyro Pimentel, Reynaldo Bairão, Paulo Sergio, recentemente falecido, Vicente Augustus Carnicelli, Amélia Martins e outros. Esta "semana" comemora a primeira exposição de poesia realizada em agosto do ano passado, e foi organizada pelo poeta Reynaldo Bairão.

"O Prisma"



O poeta Fred Pinheiro, uma das mais firmes figuras da novíssima geração carioca, e um dos diretores de "Orfeu", vai lançar brevemente o seu livro de estréia. E' um caderno de poemas intitulado "O Prisma", que indubitavelmente o situará como uma das figuras mais simpáticas e pessoais dos "novíssimos", revelando uma contribuição lírica apreciável.

Correspondência e publicações literárias devem ser endereçadas para Jorge Lacerda, rua República do Peru, 101, opt. 904.

JOAQUIM NABUCO

OLIVEIRA VIANA

NABUCO pertencia já à última geração de parlamentares, em que os oradores, mantendo embora a linha tradicional de nobreza e dignidade, não afetavam mais a toada intencionalmente solemne dos oradores do 1.º Império e da maioridade. O seu ato sentimental estético, o seu bom gosto congênito o atastava, mais, desse gênero tribunicio, cujo maior representante, por mais literário e mais culto, foi, por certo, Saies Torres Homem. Nas suas arrancadas eufônicas ou na veemência das suas apostrofes, nunca descaiu nos preciosismos da entase e pôde manter, de uma forma invariável, nas suas orações, esse egemônio atico, que os temperamentos verdadeiramente artísticos sabem sempre encontrar, mesmo nos maiores lances de inspiração e entusiasmo.

Este dom, e o esplendor das suas metáforas, e a sonoridade da sua voz, ampla, cheia, de uma dureza de timbre incomparável, destacavam-no vivamente e o singularizavam entre os seus companheiros de parlamento, aqueles oradores rápidos e fáceis, que dominaram os últimos decênios do Império — Cotegipe, Murinho Campos, Ferreira Viana e Larayete.

Neste ponto, a contribuição das províncias parece ter sido espectral, cada qual ao seu jeito e índole. O sul, como Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, deu-nos oradores graves e sensatos, como Euzébio, Itaborai e Uguai, discutindo com grande seriedade as atribuições do poder moderador e a fala do unono. Pernambuco, ao contrário, trouxe para aquele ambiente austero as audácias, os entusiasmos, as impulsividades do liberalismo radical. Na banca da baiana, os seus oradores primavam pelas declamações cantilâneas, os remosques, ironia ácida, a elegância e a sutileza da dialética, os sofismas escurregadios e essa estratégia desconcertante dos trocadilhos mentais, dos duplos sentidos, das frases equívocas, em que era mestre o velho Cotegipe.

O que, porém, mais nos encanta em Nabuco é o artista da palavra. Dá-nos a sua prosa uma suave impressão de repouso e de serenidade, com os seus períodos fluídos e mansos, de um andamento quase imperceptível, como o das águas dos grandes rios na proximidade dos estuários. Sente-se ali a atenção vigilante do artista, moderando a correnteza da idéia, **ralentando** a fluência do estilo e a amplitude dos seus ritmos. Mas, de tal maneira o faz e com tal arte, que desses carinhos de fatura mal se apercebe o leitor.

Não sabemos se Nabuco teve realmente uma grande cultura clássica; mas, as suas maneiras literárias parecem revê-la. Há em muitas das suas páginas, a pausa, o equilíbrio, o claro ritmo tranquilo das belas obras gregas. Nenhum dos nossos escritores possuiu como ele, em tanto acentuado, essas peculiaridades áticas da forma. Sobre esse aspecto, ele nos parece único entre os nossos escritores, como Renan o é entre os prosadores franceses contemporâneos.

— Il y a de la fièvre — dizia Zola do estilo de Taine. Os nossos melhores escritores padecem, em regra, como Taine, dessa trepidação febril do estilo, sorte de nervosismo ou pressa, que perturba de certa maneira no leitor a percepção integral da emoção estética. Nos seus últimos escritos, Eu-

clides da Cunha, por exemplo, nos dá as vezes, a sensação de uma rapidez fúscante, que chega a ser incômoda. Mesmo Machado de Assis, a despeito das suas características de aticis-

mo, não se pode eximir, de todo em todo, a essa tendência.

Em suma: Nabuco escritor era Nabuco gentleman. O estilo era néle, mais do que em ninguém, o homem. Ele vestia

as suas idéias como se vestia a si mesmo; com nonchalance de um Brummel artista e a pureza ateniense dos aristocratas por instinto.

Dêle se pode dizer que a na-

tureza violou as suas leis do compensação para o fazer perfeito: néle a superioridade intelectual e moral realçava ainda mais a beleza física.

Não é pródiga a natureza nesses prodígios de harmonia entre o corpo e o espírito. A antiguidade helênica, que praticava, aliás, a cultura intensiva da beleza plástica, cita em Alcibiades, talvez, o seu mais puro espécimen de um belo espírito aliado a um belo corpo. Nabuco, neste ponto, era um privilegiado. Quando, pela primeira e última vez o vimos, foi por ocasião da visita de Elihut Root, o grande secretário americano. Ele já estava velho, com a sua radiosa cabeça de meridional completamente branca; mas, da sua figura guardamos uma recordação indelével.

Foi no palácio Monroe. Nós, os estudantes, passávamos, vibrantes, numa radiosa **marche aux flambeaux**, em homenagem ao estadista americano. No patamar da escadaria central enfileiravam-se o corpo diplomático, os embaixadores do Panamericano, as altas autoridades civis e militares. Em baixo, sobre a multidão sussurrante, milhares de balões venezianos, oscilando, aos boléus, nas pontas das bengalas, agitavam fantásticamente os seus globos policrômicos.

Houve um momento, em que, já em cima, acenderam um facho de fogos cambiantes; e, dentro do seu repentino e azulado clarão, no alto, no primeiro lance da escada, Nabuco de casaca, destacou, nitidamente, na noite iluminada, a sua silhueta imponente, alheando-se, sobranceiro, entre Root e Rio Branco. Tinha o busto um pouco reclinado para a direita, em atitude de quem descansa. Estava sereno e calmo. No meio daqueles dois homens de estatura comum, magro um, gordo outro, a sua alta e elegante figura sobressaía com um relêvo inconfundível. Sobre ele centralizaram-se, desde logo, todos os olhares. Nabuco pareceu ter compreendido aquela admiração.

Imobilizando-se ainda mais, deu então à sua atitude um ar impassível, de uma serenidade olímpica — como se naquele instante, colocado diante da objetiva da História, quisesse legar à posteridade o modelo ideal da sua própria estátua.

Patrocínio no Lírico

Diz Paulo José Pires Brandão que, quando o tenor De Marchi esteve no Rio, cantando no velho Teatro Lírico, tinha a cadeira de assinatura vizinha da de Patrocínio, da dêsse e do filho Zeca, já homem feito. Patrocínio dormia todo o espetáculo e quando este terminava, tonto de sono, dizia-lhe, infalivelmente: — Dá um abraço no teu avô, meu sinhô. Referia-se a Ferreira Viana, de quem se considerava escravo, pelo que este fizera pela abolição do cativo.

Colegas na "elegância"

Conta Paulo José Pires Brandão que, nos aniversários do seu avô, Ferreira Viana, havia na casa dêsse um grande jantar a que não faltava Constancio Alves, sentado sempre ao lado de Capistrano de Abreu. Uma vez, distraidamente, na organização dos lugares, iam-se separando estes dois amigos, mas Constancio reclamou logo, dizendo: — Deixem-me ficar junto de Capistrano porque a elegância de nossa indumentária nos ampara a um e outro. Como se sabe, ambos eram muito relaxados no trajar.



Joaquim Nabuco, num retrato de CHAMBELLAND

Correspondência entre Nabuco e Machado

GRAÇA Aranha, em sua magnífica introdução a correspondência entre Nabuco e Machado de Assis, extrai dessas cartas um verdadeiro diálogo, a longos intervalos, como ele diz, travado entre os dois escritores "através dos vastos mares e em que ha lampejos que revelam a sensibilidade secreta dos corações humanos, as reconditas lágrimas das cousas. Esses diálogos são tecidos pela Saudade e pelo Passado, a sombra da Morte que vem vindo."

Nabuco: "Não me crea alegre pelo estilo dessa carta. Pelo contrário, V. que conhece o pessimista sem levantar-lhe a máscara, terá reconhecido a saudade nostálgica, o mal do Brasil". Machado de Assis: "O

passado é ainda a melhor parte do presente". Nabuco: "Quanta saudade me faz tudo isso! Não tenho outro desejo senão acabar o mais cedo possível a minha tarefa e recolher-me à Academia. Será o meu Pritaneu." Machado de Assis: "Mandar lembranças a um velho é consolá-lo dos tempos, que não querem ficar também". Nabuco: "V. daqui a uns nove dias vai remoçar de um ano. Suponha que o festejei com um bom copo da bica da Rainha, que é para nós brasileiros na Europa a bebida por que suspiramos". Machado de Assis: "Agradeço-lhe as últimas lembranças que tem tido de mim, especialmente a derradeira, mandada das ruínas do teatro grego e de uma das suas visitas. Assim me deu, com

lembranças de amigo o aspecto de cousas que levantam o espírito cá de longe e fazem gemer duas vezes pela distância do tempo e do espaço". Nabuco: "Vejo que a Academia foi inventada a tempo e na hora justa. Ela tem a grande missão de o consolar e de fazer-lhe companhia. Os ausentes como eu estão lá no seu lado em pensamento. E os mortos são somente ausentes". Machado: "A fadiga se aproxima com os seus braços frouxos e daqui a pouco exaustos...". Nabuco: "É uma grande privação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobre tudo a acabar assim. Mas espero voltar ainda antes da noite..." Machado: "Tudo isto me abate e entristece. Acabei".

A FRANCISCO IGNACIO DE CARVALHO MOREIRA, BARÃO DE PENEDO

De Washington, Joaquim Nabuco foi removido para Londres, onde serviu sob as ordens do barão de Penedo. Suas cartas a este prezado chefe, que as conservou todas cuidadosamente, as vezes marcadas com a data em que lhe chegaram as mãos, são as mais numerosas e de certo modo as mais importantes desta coleção. Da mocidade de Nabuco sobrevieram poucos documentos epistolares, e as cartas a Penedo são deste número. Não se limitam a esse período da existência de Nabuco. São as únicas que lhe atravessam a vida toda, fielmente e sem interrupção até a morte do Barão, aos noventa anos, quando Nabuco já era embaixador em Washington.

Desde que deixou em 1878 seu cargo de adido em Londres, nunca Nabuco deixou ao qual ele considerava o dever de prestar conta ao velho amigo de todas as suas atividades e projetos. Escrevia quase como um filho a seu pai.

Em casa dos Penedos, em Londres, esse 32 Grosvenor Gardens que deu título a um capítulo de Minha Formação, Nabuco teve, graças, inicialmente, a sua amizade fraternal com Artur de Carvalho Moreira, a intimidade de um segundo filho da casa. A gratidão por esse acolhimento e a saudade do tempo de Londres transparecem, através dos anos, nessa correspondência iniciada sem demora, ainda de bordo do navio que levava de Londres ao Brasil o jovem diplomata, que seria nesse ano eleito deputado, C. N.

Rio, 8 de julho de 1879.

Meu caro Sr. Barão,

Escrevo a V. Ex. da Câmara (para onde já venho sempre muito aborrecido), somente para ter notícias da sua amável pessoa e da Sra. Baronesa. A política segue sempre a mesma, e nas vésperas do encerramento da sessão não se sabe ainda se seremos dissolvidos, ou se teremos que voltar para o ano. As finanças parecem-me muito mal paradas; fala-se em empréstimo em ouro, e em empréstimo em Paris, e agora mesmo em empréstimo inglês. V. Ex. deve melhor do que eu saber do que há por aí, se alguma coisa realmente existe. Vejo que morreu o seu grande amigo, Leonel Rotschild, e pelo "Times" que V. Ex. esteve presente ao funeral. Também consta pelo telégrafo o ter sido mutilado na África o jovem Príncipe Imperial (1). Essas mortes todavia não terão conseguido diminuir o interesse de V. Ex. por uma "season" que se anuncia tão brilhante, tendo a Croisette em Londres. Para aí seguiu ontem o Saraiva (2). E' sua sorte ter sempre um estadista amigo, e as impressões que os nossos homens trazem da legação de Londres não podem ser melhores; nem mais agradecidos poderiam eles mostrar-se.

Tomou a liberdade mandar a V. Ex. uma letra no valor de £ 38,13,0 do English Bank para que V. Ex. queira ter a bondade de mandar pagar £ 29,10,6 ao alfaiate Poole e £ 9,2,6 ao sapateiro Malmstrom (não outro) da Burlington Arcade. A letra vai também ao Guimarães para o caso de ausência.

Em setembro, estou sempre firme na esperança de poder achar-me perto de Grosvenor Gardens. A experiência que fiz da política desgostou-me profundamente desta vida; só tenho um desejo, apenas entrando, é o de sair.

No meio de todo este barulho, só tenho um prazer, é voltar-me para essa minha vida de todos os dias, quando morava em Londres, e quando estávamos sempre juntos. Vejo com prazer que o nome de V. Ex. não encontra aqui senão muita consideração da parte do governo: Liberais e Conservadores são hoje seus amigos. Quando nova combinação contaria sem dúvida ministros com

CARTAS INEDITAS DE JOAQUIM NABUCO

"LETRAS E ARTES" divulga, em primeira mão, parte da correspondência do grande brasileiro, com anotações de sua filha, Carolina Nabuco

No plano das Obras Completas de Joaquim Nabuco, que estão sendo publicadas por a Companhia de São Paulo, deverá aparecer dentro em breve um volume do maior interesse: "Cartas a Amigos", coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. Trata-se de um volume que reunirá grande parte da correspondência do notável "leader" abolicionista, e que sem dúvida virá permitir, mais do que a própria "Minha Formação", um melhor conhecimento da sua fascinante personalidade. Felizmente quase todos os amigos com quem Nabuco se correspondia tiveram o bom senso e o bom gosto de guardar suas cartas, graças ao que foi possível à sua filha e inteligente biógrafa, reuni-las agora, nesse curiosíssimo volume que muita luz virá fazer, também, sobre vários dos mais importantes acontecimentos da nossa História. As cartas aparecerão precedidas de notas sobre cada um dos amigos de Nabuco com os quais trocou correspondência, havendo ainda, quando necessário ao esclarecimento de um fato ou de um nome incidentalmente citado no texto, notas de pé de página, umas e outras de autoria da romancista de "A Sucedora". Foi, aliás, D. Carolina Nabuco que, inteirada da nossa intenção de dedicar o suplemento de hoje ao seu ilustre pai, nos cedeu gentilmente as cartas que abaixo publicamos.

cuja amizade e confiança V. Ex. pudesse contar; na rápida destruição dos nossos homens, V. Ex. fica sendo um dos poucos da velha escola que se estão tornando necessários. Infelizmente o nosso Corpo Diplomático em parte alguma acha simpatias. Vou propor uma reforma do nosso serviço, para ter ocasião de falar especialmente d'ele.

Peço-lhe, meu caro Sr. Barão, que apresente os meus humildes respeitos a Sra. Baronesa, a quem tomo a liberdade de mandar também muitas saudades, e que me creia sempre de V. Ex.

Mto. Obrigado Amigo JOAQUIM NABUCO.

(1) Servindo no exército inglês na África do Sul, o príncipe Luis Napoleão exilado na Inglaterra com sua mãe, a Imperatriz Eugênia, viúva de Napoleão III, foi morto em combate com os Zulus em 2 de junho de 1879.

(2) O Conselheiro José Antonio Saraiva, um dos mais autorizados chefes do partido Liberal, seria presidente do Conselho no ano seguinte, 1880.

A FREDERICO BORGES

Frederico Augusto Borges foi o presidente da Sociedade Libertadora Cearense que tanto fez para a libertação desta província antes de qualquer outro. Foi deputado em 1884 na monarquia e depois seguidamente na república. Foi grande adepto de Floriano Peixoto. C. N.

Rio, 29 de setembro de 1881.

Ilmo. Sr. Dr. Frederico Borges,

Muito sinto o luto dolorosíssimo que veio ferir-lo e que V. S.ª teve a bondade de comunicar-me; é de todo coração que me associo a sua grande perda. Também eu, que ainda tenho a felicidade de ter viva minha mãe, dei esse nome na infância a outra pessoa, a minha madrinha e sei que é em tudo o mesmo amor filial o que se consagra a quem nos cria e nos educa como se fôra nossa mãe. No meio duma tal tristeza compreendo como devia tê-lo ainda mais incomodado o ato do Presidente. A demissão porém por tal motivo é um título de benemerência, é como a medalha que se concede a quem salva da morte os afogados — uma recordação para toda a vida. Creia em toda a minha simpatia e na sinceridade com a qual sou de V. S.ª.

JOAQUIM NABUCO.

A HILÁRIO DE GOUVÊA

Hilário de Gouvêa, casado com a irmã de Joaquim Nabuco, Rita, (Iaiá, como é sempre referida nestas cartas), foi um dos médicos notáveis do seu tempo, não só em sua especialidade que era a oftalmologia mas (a época não era ainda das especializações rigorosas) também na clínica geral.

Além de cientista, foi autor de importantes estudos e de descobertas que a medicina de-

pois confirmou, como a de que a cegueira noturna é causada por uma deficiência alimentar, hoje reconhecida como carência de vitamina A. Era um temperamento de lutador. Adversário da ditadura no tem-



Nabuco num desenho do Pacheco

po de Floriano Peixoto, teve a vida ameaçada e evadiu-se da prisão de maneira sensacional, disfarçado depois em marinheiro francês para poder embarcar no cruzador "Arethuse", onde encontrou agasalho sob a bandeira francesa como preso político. A fim de poder clintcar em Paris durante o exílio, que foi longo, submeteu-se a novos exames para obter o grau de doutor em medicina, êle que já o era nas universidades do Brasil e de Heidelberg.

Voltando a pátria em 1905 foi novamente professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (desta vez na cadeira de otorino-laringologia de que foi o primeiro ocupante) e mais tarde seu diretor.

A amizade entre Nabuco e "o Gouvêa", como lhe chamava a esposa e como era conhecido na família dela, era verdadeiramente, de irmãos. Nabuco lhe tinha uma confiança absoluta como amigo e como médico. C. N.

Londres, 18 de junho de 1882. Meu querido Gouvêa,

Apenas tenho tempo para responder à sua carta que me trouxe a notícia dos passos que você deu para obter para mim o lugar de Diretor da Biblioteca. Sinto muito que você tivesse tido tanto incômodo, porque me seria impossível aceitar a nomeação para esse ou qualquer outro lugar que o Martinho e o Rodolfo (1) se prestassem a dar-me. Não tenho presentes os termos de minha correspondência com você, mas suponho nunca haver feito referência à nomeação para qualquer emprego pelo presente ou futuro gabinete. Nem sei como eu poderia aceitar! Tenho saudades de casa e muito amor

aos meus, mas não voltarei para o Brasil senão para viver independente do governo. Um lugar de lente, que eu tirasse por concurso ou para o qual fosse espontaneamente designado, — sim, mas um lugar em repartição — nunca, a menos que mude muita coisa no país.

Obrigado, meu caro Gouvêa, pelo seu interesse por mim do qual tenho tido tão grandes provas em minha vida, mas a minha situação é delicada e obriga-me a seguir uma linha de conduta que, por assim dizer, só eu mesmo conheço. Não se zangue comigo por eu não aprovar os passos que você deu junto ao Rodolfo e ao Martinho.

Depois porém do que aconteceu com meu Pai e tem acontecido comigo, eu devo proceder como procedo. Por isso se a nomeação estiver feita você a impeça, porque se já estiver feita eu só poderei recusá-la. Em todo caso peço-lhe que torne bem claro que você pediu esse emprego ou qualquer outro ao ministério ou ao Imperador, para mim, por iniciativa própria, e não por delegação minha, que não posso pedir nada a governo nenhum.

Muito sentirei se você, além de pedir não obtiver — é mais uma história injusta que me lançarão em rosto. Desfaça tudo isso do melhor modo possível, meu caro Gouvêa. Sei que sentimentos generosos e dedicados o animam e por isso conto que você me compreenderá perfeitamente. Abraço-o de todo o coração, a Iaiá e aos meninos. Todo seu JOAQUIM.

(1) Martinho Campos, presidente do Conselho, e Rodolfo Dantas, ministro do Império.

AO VISCONDE DE PARANAGUÁ

João Lustoso da Cunha Paranaguá, visconde e depois marquês de Paranaguá, era nessa ocasião presidente do Conselho. Magistrado, deputado, senador, conselheiro de Estado, fora ministro diversas vezes e dirigira a pasta da Guerra durante a guerra do Paraguai em 1866 e 67. C. N.

Londres, 6 de novembro de 1882.

Exmo. Sr. Conselheiro Paranaguá.

Como cidadão brasileiro julgo do meu dever chamar a atenção de V. Ex. para um edital do juízo da provedoria de Valença, datado de 22 de setembro de 1882 e assinado pelo escrivão Gaudêncio Cesar de Mello. Esse edital, que foi publicado no "Jornal do Comércio" de 7 de outubro chama propostas para uma praça de escravos e "ingênuos", em que africanos de menos de cinquenta anos (quando a lei de 7 de novembro de 1831 nunca revogada tem cinquenta e um) figuram ao lado de escravos de dez anos (quando a lei de 23 de setembro de 1871 já tem onze

anos), e de ingênuos até de dias, assim postos em arrematação como se esta última lei não tivesse sido registrada na legislação de Valença ou não existisse na do Estado. Assim põem-se à venda nesse edital "os serviços (por exemplo) de Ingênuo Georgina, preta, 1 ano, filha de Cândida, avaliados por 20\$; serviços do ingênuo Benedito, crioulo, seis meses, filho de Damascina, avaliados por 20\$; serviços da ingênuo Orminda, parda, 3 meses, filha de Clara, avaliados por 20\$000; serviços da ingênuo Leonídia, parda, de dias, filha de Alcina, avaliados por 10\$000.

Não conheço maior prostituição da justiça do que esse edital do princípio ao fim! A mão tremo-me de indignação ao chamar a atenção do governo imperial para esse tráfico judicial de ingênuos! A audácia de pôrem-se em hasta pública ingênuos de meses e de dias, faz quase esquecer a audácia com que a magistratura local põe em praça africanos (pela idade marcada e que é um edital de venda uma informação bona fide) necessariamente importados depois da lei que declarou livre todos os escravos que entrassem no território ou porto do Brasil vindos de fora. Nesse edital são anunciados os seguintes escravos: Marcelina, crioula, 10 anos, filha de Emerecliana, quero dizer Emilliana, avaliada por 80\$000; Manuel, crioulo, 10 anos, filho de Rosinha, avaliado por 70\$000 (e mais dois outros); pode haver em 1882 escravos de dez anos no Brasil?

Não chamo a atenção de V. Ex. para os seguintes escravos: "Agostinho, preto, 33 anos, morfético, avaliado por 300\$000; Manuel, Cabinda, 76 anos, cego, avaliado por 50\$000; Luis, de nação, 81 anos, avaliado por 50\$000; João Moçambique, 86, avaliado por 50\$000 e outros, porque se esses infelizes têm o direito de queixar-se do nosso país, onde morféticos, cegos e velhos de mais de 80 anos são postos em arrematação como escravos sem que a autoridade pública os reclame para algum asilo de caridade, a lei escrita não foi violada nessas odiosas aberrações da moral pública, de ingênuos ou a venda dos seus serviços?

A lei de 7 de novembro de 1831 que aboliu o tráfico está de fato revogada; chegou o momento de mostrar o Governo que essa não pode ser a sorte da lei de 28 de setembro de 1871. E' preciso impedir esse tráfico de ingênuos que desponta. Não é abafando escândalos dessa ordem que se o pode conseguir. Esse edital de Valença abre uma página tristíssima na história do Brasil e cabe a V. Ex. rasgá-la quanto antes.

A começar a venda por editais ou sem editais dos serviços de ingênuos, a lei de 28 de setembro será em breve reputada pelo mundo, como de todas as mais monstruosas mentiras a que uma nação jamais recorreu para esconder um crime. A praça estava marcada para o dia 26 de outubro e a esta hora já terá tido lugar: a autoridade pública porém terá meios de perseguir os criminosos e resgatar os inocentes. A questão é a seguinte: Podem ou não os ingênuos ser vendidos? Pertence ao Governo salvar a dignidade de toda essa imensa classe criada pela lei de 28 de setembro. Escrevo a V. Ex. com plena confiança nas suas intenções e espero que prestará ao objeto desta carta, se o não achar indigno dela, toda a sua atenção.

Sou de V. Ex. com a maior consideração.

Amigo Obrigado e Criado JOAQUIM NABUCO

A JOSE' MARIA DA SILVA PARANHOS

O jovem Paranhos, futuro barão do Rio-Branco, fizera-se cedo amigo dos filhos do senador Nabuco. Primeiro foi-o do mais velho, Sizenando, cuja idade se aproximava mais da sua e depois de Joaquim Nabuco. Sempre fora porém um temperamento muito reservado.

(Conclui na 12.ª pag.)

NABUCO FALANDO AO POVO NOS COMICIOS DA ABOLIÇÃO

V EDE o sombrio préstito com que a escravidão pretende disputar vossos sufrágios, o cortejo com que se apresenta em vossos comícios!

São velhos de 60 anos carregados de velhice e de trabalho, que não deram somente ao seu senhor inexorável grandes safras de açúcar e de café, mas lhe deram filhos e netos, essa outra colheita que o enriqueceu; as galés de uma vida cuja história toda é a tragédia da senzala, sem uma consolação, sem um apoio fora de si mesmos e do seu próprio coração torturado, da sua consciência esmagada, sem nenhum desses apoios estranhos que todos nós temos; nem a família, nem os amigos, nem o magistrado, nem a religião, nem a lei; portadores de uma vida assim roubada toda a si mesmos, ao seu corpo, a sua alma, vida cujos dias, um por um caíram fundidos em moedas de cobre, nas mãos do proprietário... E vós imaginais que sofrimento devem ser os do homem cujos dias são assim vazados, um por um, sem respeito às necessidades físicas e morais, do ser pensante que nós somos...

Vede todo esse cortejo de inválidos seguidos dos seus filhos e netos, escravos como eles, primícias de seu próprio sangue, que eles ofereceram à cupididade do senhor, sem por elas todavia resgatar-se da escravidão — porquanto a escravidão é isso mesmo; é o tráfico do que há de mais santo, mais misterioso, mais inexplicável da natureza: a maternidade, é essa lei bárbara e atroz, que diz a mulher que concebe: teu filho vai ser escravo como tu, tú vais enriquecer o teu opressor com o produto de teu seio...

Não se diga que entre nós está abolido esse monstruoso princípio, porque não está; é em virtude dele tão somente que existe a escravidão e aboli-lo, seriamente, seria decretar a emancipação de todos os escravos.

A senhores, porque não aconteceu para honra da natureza

humana em nosso país, que, como se diz de certas espécies, a espécie humana também não se reproduzisse no cativo!

Parece que não poderei chegar ao fim de minhas frases tanto sou arrebatado pela torrente das impressões que me causa esse regime, que não foi pirataria mas tornou-se a lei de Heródes.

De que massa humana sois feitos, pernambucanos, se tão grande injustiça não vos revoltaria e tão grande sofrimento não vos comove?

Vós, homens pobres, como quereis que os poderosos se compadeçam de vós, se não tendes compaixão para antes ainda mais infelizes e desamparados que vós mesmos!

Não... Isso não é possível!

Não será com os vossos votos que se manterá por mais tempo uma instituição desumana e cruel, violação perpé-

tua de todas as verdades fundamentais da ciência, como da religião, da jurisprudência, como da moral, causa da atrofia que pesa durante séculos sobre o desenvolvimento das nações, instituição que destrói e avilta tudo o que as instituições sociais têm por edificar e engrandecer!

Não, senhores, a cidade do Recife acordou de sono profundo de tantos anos de indiferença e de insensibilidade e neste lugar de onde falo, centro de tantas tradições e de tantos heroísmos, que se não fora a escravidão seria hoje uma república forte e respeitada e que com a escravidão começa a esquecer o passado e descer do futuro, dir-se-ia que nós ouvimos uma voz que nos brada:

— Basta de perseguições, basta de sofrimento!

E' a voz que sobe do solo de vossas batalhas nacionalistas e

das vossas revoluções liberais, e é escutando-a que eu denuncio a escravidão ao povo pernambucano, com todas as forças do meu espirito.

Sim, em nome do passado e do futuro, denuncio ao povo do Recife, reunido nos seus comícios, aquela instituição que para ser condenada pela consciência humana basta ser chamada por seu nome — de escravidão; eu a denuncio como incurra em todos os crimes do Código Penal, em todos os mandamentos da lei de Deus.

A vós, artistas, eu a denuncio como roubo do trabalho; a vós, sacerdotes, como roubo da alma, a vós capitalistas, como roubo da lei, a vós, senhoras, como roubo da maternidade, a vós pais, filhos, irmãos, como roubo da família, a vós homens livres, como o roubo da liberdade; a vós militares, como o roubo da honra, a vós, homens de cor, como o roubo de irmãos, a vós, brasileiros, como o roubo da pátria; sim, a todos eu denuncio essa escravidão maldita, como o fratricídio de uma raça, o partícido de uma nação...

Pronunciado no Teatro Santa Isabel, no Recife, em 1885.

Resposta às mensagens dos eleitores de Recife e Nazaré

JOAQUIM NABUCO

Em 1890, respondendo ao apelo que lhe fizeram eleitores de Recife e Nazaré, Joaquim Nabuco dirigiu-lhes um documento memorável que pode ser considerado das mais belas definições de atitude de um homem público no Brasil. Reproduzimos, a seguir, dois trechos dessa expressiva resposta.

Convicções assim cômicas do desinteresse e da pureza das suas origens não se mudam num dia. Se eu vos dissesse que os acontecimentos de que temos sido espectadores desde 15 de Novembro me converteram à República, dar-vos-ia o direito de duvidar da minha sinceridade

de no passado e, portanto, no presente.

Sou obrigado neste ponto a fazer uma retificação ao tópico da mensagem do Recife que alude a uma comissão do governo, em virtude da qual eu teria que partir para o exterior. Nenhuma comissão me foi ofere-

cida, e estou certo de que se o meu nome fosse lembrado, o illustre ministro das Relações Exteriores, defronte de cuja mesa trabalhei três anos no País, e de quem fui obrigado a separar-me por minhas convicções monárquicas, teria apresentado uma exceção a meu fa-

vor, ou contra mim, conforme se entenda, ao juízo que o Governo Provisório possa formar dos antigos monarquistas.

Sustentei sempre, entretanto, a necessidade de um partido republicano, mas como partido de semeadores do futuro, não de segadores do presente, e auxiliar desinteressado da monarquia, enquanto ela fosse o melhor governo possível, ou mesmo provável, nas condições sociais do país. Nesse partido não sei se eu não mereceria também ser classificado, ainda que o fosse como um operário inconsciente dos fins superiores de sua tarefa. Parece, porém, que não pode haver em política partidos desinteressados e que trabalhem gratuitamente pelo futuro. Nas religiões políticas, como nos tempos antigos, são os sacerdotes que, para conservarem vivo entre o povo o culto dos princípios, se prestam a consumir por trás dos altares as iguarias oferecidas aos deuses.

A monarquia está morta, dir-me-ão, não podeis ser um sebastianista.

Eu poderia responder a esses que não compreendem que se pare um momento entre a convicção de uma vida inteira e o fato consumado da véspera para refletir desinteressadamente sobre o futuro da pátria: "Morta! Não vos fieis só nisso. Nós vivemos num século que Renan chamou o século da ressurreição dos mortos. Sebastianista! Oliveira Martins definiu o sebastianismo uma prova póstuma da nacionalidade. Eu espero nunca merecer esse título".

Eu, porém, não tenho que indagar se a monarquia está ou não para sempre enterrada sob este singelo epitáfio: 7 de Setembro de 1822-13 de Maio de 1888. Isto não é comigo, é com a misteriosa loteria da História, na qual o prêmio sai ao absurdo tanto como ao verossímil, ao imprevisível muito mais do que ao infalível. Limite-me a não afirmar uma crença que ainda não tenho. E' em matéria de convicções sobretudo que é verdadeiro o princípio: Só se destrói o que se substitui. Não sei se não terei um dia na República a fé de Thomé; sinto-me, porém, incapaz de ter a fé de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado.

Para acreditar nela, eu só peço, como os Arabes para acreditar em Mahomet, que ela faça primeiro um milagre: o de governar com a mesma liberdade que a monarquia.

FUI denunciado pelos zelotes da monarquia, hoje quase todos aderentes, como sendo um aliado da República pelo meu programa Abolição, Federação, Arbitramento. Não há dúvida que as três reformas eram tôdas passos para o ideal republicano, mas também eu nunca sustentei que a monarquia tivesse outro papel ser o de conduzir a nação a quele ideal. Na geração presente, porém, esse conjunto de idéias só podia consolidar a monarquia. A abolição devia fortalecê-la, com o tempo, no coração do povo, mas enquanto o povo não pudesse protegê-la, com a sua gratidão contra o ódio levantado, a federação o fortaleceria no ânimo das províncias livres e o arbitramento na consciência da América.

As três idéias formavam uma só política. A monarquia foi tentada, por medo do republicanismo escravista, a seguir outra. Disto não me cabe a mínima responsabilidade.

A federação, entretanto, não lhe fez outro mal senão o de servir de carta de fiança à República, quando foi proclamada, para obter o reconhecimento das províncias elevadas a

Estados. Não é senão, por enquanto, um título, mas esse título teria servido mais à monarquia do que o que a fizeram distribuir. Quanto à abolição, não tenho que me justificar de a ter aconselhado.

No dia 13 de Maio houve republicanos, abolicionistas sinceros, que não sabiam se era maior neles a alegria por ver a escravidão acabada ou a dor de ter cabido à monarquia a glória que eles sonhavam para legitimação absoluta da República no campo mesmo da revolução. Eu não me preocupava com a instituição e sim com o povo. "Todo o príncipe digno de sentar-se no trono, tinha eu dito na Câmara, deve estar sempre pronto a perdê-lo quando essa perda resulte do desenvolvimento que ele tiver dado à liberdade no seu reinado".

Acabais de ver as sólidas e profundas raízes nacionais, populares e liberais, da minha convicção monárquica. Por isso também, enquanto, em torno de mim, os que deviam tudo à monarquia falavam dela em linguagem sempre conciliável com as contingências do futuro, eu a defendia com a mesma firmeza com que sustentei a causa dos escravos e o direito das províncias.

Nabuco e a mocidade academica

— UM INQUÉRITO SUGERIDO POR GILBERTO FREYRE



Gilberto Freyre, ladeado por Saldanha Coelho e Haroldo Bruno, da "Revista Branca"

Contribuindo para as comemorações do centenário de Nabuco, os estudantes do Recife pediram a Gilberto Freyre algumas sugestões para as homenagens que deveriam prestar à memória do grande brasileiro. Daí surgiu a idéia de um inquérito, a propósito do qual nos fez interessantíssimas declarações o autor de "Casa Grande & Senzala".

O inquérito será realizado nos principais Estados, onde haja centros universitários — disse-nos Gilberto Freyre — visando pesquisar quais as formas de contato que os jovens tiveram com a obra de Nabuco e as influências que dele

teriam recebido. O resultado será publicado em numero especial que a "Revista Branca" dedicará ao autor de "Minha Formação" e no qual este aparecerá focalizado, através dos seus mais expressivos aspectos.

AS BASES DO INQUÉRITO

Expôs, em seguida, Gilberto Freyre, as bases do inquérito que ficará circunscrito às escolas superiores e que aqui reproduzimos para conhecimento de todos os universitários:

- 1) — Que influências receberam de Joaquim Nabuco na sua formação moral e intelectual?
 - 2) — Quais dos seus livros já leu?
 - 3) — Qual e quais dos seus livros considera mais importantes ou significativos?
 - 4) — Que pensa de Joaquim Nabuco em face dos problemas atuais do Brasil?
- As respostas podem ser enviadas à "Revista Branca", rua Magalhães Castro, 239 — Rio de Janeiro. Não há delimitação de espaço para elas. Breves ou longas serão aceitas e, dentro de um critério seletivo publicadas.

NABUCO foi tão harmoniosamente grande nas feições complexas de sua vida, que impossível seria opinar em qual delas, isoladamente, foi maior. Para mim, que aprecio nos homens entre todas as virtudes — a virtude divina das letras — conquanto cultue a obra política do libertador, a ação humana do diplomata, fora sobretudo ao artista, ao escritor, ao literato que levantaria a grande estátua.

Tão radiosa a sua figura, tão profunda a impressão do homem e do orador, que dominam a impressão da obra escrita.

Entretanto nenhum temperamento guardou fidelidade mais ardente ao culto da arte.

Assim o admiro e o contemplo em todos os instantes da sua carreira — desde os primeiros versos, no Recife, até os últimos discursos em Washington, autentico homem de letras, refrangendo todas as sensações, partilhando, discutindo, assimilando e colaborando na civilização de seu tempo, com a paixão de um escritor universal em cuja organização houvessem as aspirações do século e de cujos ensinamentos se inspirassem os sentimentos e as idéias de seus contemporâneos...

Para ele não havia restringir a visão ao ambiente, à paisagem, ao horizonte que o circundava. Subia a montanha, e, nivelando as fronteiras, o seu olhar distendia-se sobre o mundo e os seus pensamentos vóbre a humanidade. Daí e não ter sido o que se chama um escritor brasileiro. Por mais penetrado de meio, não havia nacionalizar o seu espírito. Devemo-lhe na "Minha formação", uma confissão esclarecedora: "Sou antes um espectador do meu século do que do meu país".

Fora destas considerações, o crítico que se der a um estudo completo da personalidade e da obra literária e social de Joaquim Nabuco (o sr. José Veríssimo ateu-se ao comentário por assim dizer formal do escritor, processo de composição tema das obras e caráter de estilo) e tentar apreender nos traços da biografia e psicologia integral do temperamento, as conquistas e triunfos do homem público, há de conceder, por força, uma larga parte do conjunto de privilégios que deram a Joaquim Nabuco incomparável superioridade pessoal no seu tempo e no seu país.

Nesta indissociável superioridade de colaboraram as seduções de seu físico, o vigor da sua inteligência e o equilíbrio de suas virtudes integração maravilhosa de elementos que o extremaram e lhe deram entre os contemporâneos o selo mágico de obra prima.

Tais privilégios naturais asseguraram-lhe, de princípio a sua carreira, a dire, ao eventual. Tinha de subir, naturalmente, por determinação inerente ao seu fétio, como um rio corre, uma árvore cresce...

A sua missão de orador — beleza lúcida de grego — a graça nobre dos movimentos, a correção aprimorada da figura, feita para sobrepairar às multitudes, e um enleio inexprimível que se exaltava do seu todo sem ele o sentir, eram como a luz de um astro.

Entre todos a sua pessoa era a mais distinta; sua estatura a mais firme e harmoniosa; seu olhar, o mais doce; seu olhar

NABUCO

GILBERTO AMADO



Joaquim Nabuco e o Comendador Antonio Prado

o mais expressivo; sua palavra a mais luminosa; seu gesto o mais encantador; sua cabeça mais bela, a mais dorável.

Nos arredores da luta seu combater era o mais galhardo; suas armas as mais rígidas; suas aspirações as mais abnegadas; sua serenidade a mais heróica, sua verdade a mais limpa; suas idéias as mais sábidas e puras.

Deste conjunto nasceram as suas facilidades, as suas vitórias, os seus êxitos. Sobretudo a sua grande felicidade: diante dele não havia obstáculos, que todos pareciam alhar-se a só presença de predestinado. Eu disse de Nabuco que foi até certo ponto o mais feliz dos brasileiros. As fadas cantaram-

lhe no berço todos os hinos: — os de amor e os da glória, os da beleza e os da força. A sua mocidade foi alegre e triunfante, como a dos jovens guerreiros que a vitória acalenta e as mulheres adoram.

Sonhos da adolescência todos realizou-os, idéias que lhe nasceram, todas exprimiu-as. Desde estudante sentiu as mercês da popularidade e da fama: — o culto dos cidadãos, as flores das crianças e o olhar das mulheres. E, enquanto o mundo lhe florescia em atrações, o seu sorriso continuava bom e as suas idéias claras como as dos deuses. Neste corpo apolíneo cantava uma alma aligera de hérmite discreto, de companheiro jovial, cuja intimidade era

cativante. Um conjunto maravilhoso.

No espírito de Nabuco penso que a justiça e a liberdade, as suas grandes aspirações e os dois fundamentos de sua ação política lhe sorriram numa irradiação de beleza. Todas as suas idealizações de promotor se lhe transfiguravam num sonho de harmonia. Nêle o mundo substancial sob as aparências do estadista, era o de esteta. Como tal foi ele o pensador, o crítico, o historiador, o estilista. E, coisa curiosa, em todas as modalidades da sua obra, Nabuco, que era orador de nascimento, não fez oratória.

Outros há que o são, a todos os momentos — oradores ao

pensar; oradores ao escrever; oradores ao agir. Escrevendo, Nabuco que tinha o gênio da eloquência, não foi um retórico. Enquanto pensador, as suas idéias são as de um cético nostálgico da religião.

Nasceu-lhe a crença não da sensibilidade, mas da razão. Ele cria na eficácia do ideal religioso como os gregos discípulos de Sócrates. Para mim a elaboração do pensamento em Nabuco, antes se fazia por idéias do que por imagens. Seu espírito era mais abstrato que objetivo. Veja-se como exemplo as "Pensées détachées" e certas páginas da "Minha formação". Não obstante os conceitos, as vistas de conjunto, os transuntos objetivos de mundo, claros, perfeitos, transluminosos — muitos há nas páginas magnificas de pura criação subjetiva.

A grande alma exalava-se na limpidez de uma imaginação onde a refrangência da vida por mais aisada, revela em muito, matriz pessoal do pensador.

Das influências que nele agiram até a última fase, preponderou sempre a de Renan. Foi talvez seu único mestre. Sua única intensa paixão literária. Ponto em que me quisera deter, a vi impossível, fora o de Joaquim Nabuco historiador, porque no gênero de "Um estadista de império" ninguém o excedeu em nossa literatura. A narrativa aí atinge às vezes tom de uma eloquência e de uma grandeza que não conhecemos maiores em nossa língua. O desenho das figuras, a reconstrução do cenário, a crítica da época e a precisão documental deram a esta obra vigorosa um relevo extraordinário.

E agora chega a minha sedução: o estilo de Nabuco. Estilo de ritmos renanianos, período curto, giro ágil, sonoridade de ouro, clareza, movimento, relevos brandos, tons nítidos, todas qualidades da prosa francesa.

Ele próprio a confessa francesa de nascimento. Mas ainda há de considerer nela a firmeza da expressão, a propriedade dos vocábulos, a viveza da luz, a intensidade dos efeitos e os lampejos súbitos e rápidos soabrindo ao leitor, em meio a certas páginas maravilhosas...

O trabalho deste estilo recorda a alocação do orador, e a frase lhe fluía fácil, saltava-lhe em cadência ou fagulhava-lhe em raio, mas nunca lhe escorria na difluência continua dos verbosos.

Ainda neste estilo o que nos seduz sobretudo é a superioridade pessoal do homem, de que é nos seus caracteres, a expressão mais luminosa, o equilíbrio magnífico do espírito e do oração; a consonância rítmica da imaginativa com o raciocínio; da capacidade crítica com a expansão criadora, e ainda com traços fortes do caráter o amor à glória, o orgulho de suas ações e de suas obras, o culto consciente de sua personalidade. Estão aí neste estilo as grandes qualidades de Nabuco, excelente dominador atrevido dos salões e das tribunas, libertador de uma raça, glória de um continente.

Tão grande era este Nabuco que, no Brasil, onde não é costume fazer justiça aos grandes homens, todos, absolutamente todos, se harmonizaram na aclamação de que outro não houve assim completo: belo, bom e sábio; a beleza mais nobre; a bondade, mais forte; a sabedoria mais fecunda.

O GRANDE APELO BRASILEIRO E CRISTÃO DE NABUCO

(TRECHO DO DISCURSO NO CENTENÁRIO DE ANCHIETA, 1897)

OSUCESSOR do idealismo cristão, do espiritualismo católico, seria entre nós não o contismo, mas o materialismo, nem mesmo o materialismo sistemático, mas a mais profunda indiferença, a morte lenta de toda vida moral. Nosso País já se acha todo ele neste momento coberto de manchas escuras que assinalam os lugares em que se deixou morrer à mingua de alimento a fé virgem do nosso povo. Não, nós os católicos, nada temos que temer do positivismo, que já foi chamado um catolicismo sem Deus. A mais bela de todas religiões da humanidade será sempre a cristã. Além do Ecce homo a imaginação não pode ir. Deus mesmo, fazendo-se

homem para morrer pelo homem, isto é, Cristo, esse, sim, foi o verdadeiro fundador da religião da humanidade. Quando Deus sofre e morre pelo homem, o que não deve o homem fazer pelo seu semelhante? Esse é o ponto final da evolução religiosa no mundo.

Não, senhores, não é o positivismo que ameaça o princípio religioso no Brasil, é o indiferentismo que está em nossos corações, é a tibieza que está em nossos espíritos, é esse abandono das gerações futuras à sua sorte, qualquer que seja, grave sintoma de atrofia nacional. Em tais condições, o centenário de Anchieta toma o caráter de um apêlo à nossa consciência religiosa... A voz que nos vem

do humilde santuário de Retitiba é o generoso e largo hausto de vida dos espíritos e corações que qualquer presente asfixiaria, que só podem respirar e mover-se em futuros que contijam com a eternidade; é essa ambição infinita e de Nóbrega, a quem "o Brasil todo parecia pouco para a dilatação e o conhecimento do nome de Deus". Possa, por um milagre póstumo, a coligação, a comunhão dos Nóbregas, Anchietas e Inácios de Azevedo, fazer referir na terra de Santa Cruz o emblema que eles plantaram. Possa o amplius! amplius! de Francisco Xavier chegar outra vez até ela, porque aqui há de novo uma grande nação católica a criar.



O EX-LIBRIS DE JOAQUIM NABUCO

Participando das comemorações com que o Brasil assinala o primeiro centenário de Joaquim Nabuco, os Arquivos Implacáveis dedicam as suas duas páginas e divulgam o Flash postumo do autor de "Minha Formação", composto graças aos preciosos depoimentos de Carolina Nabuco, monsenhor Nabuco, bem como as publicações do grande brasileiro.

A exatidão das informações e o espírito que a orientou garantem ao Flash uma autenticidade tão clara como se o houvesse dado a própria voz discreta e grave de Joaquim Nabuco.

Autógrafo de Nabuco

NO ALBUM DE Mlle BLANCHE MARTINEZ

*Voile qui t'apprete
à t'enfuir des mers du nord
pour consigner nos requêtes
voici ton livre de bord*

*La mienne n'est qu'un petit mou-
rien qu'un regret aigre-doux,
tandis que le vent te pousse
regarde aux vergues vers nous*

*Joaquim Nabuco
de março 2 1906*

BLANCHE VOILE QUI T'APPRETES
À T'ENFUIR DES MERS DU NORD
POUR CONSIGNER NOS REQUÊTES,
VOICI TON LIVRE DE BORD.

LA MIENNE N'EST QU'UN PETIT MOU-
RIEN QU'UN REGRET AIGREDOUX,
TANDIS QUE LE VENT TE POUSSE
REGARDE AUX VERGUES VERS NOUS

JOAQUIM NABUCO

Março, 2-1906.

OS ARQUIVOS IMPLACÁVEIS DE JOÃO CONDÉ

... Se um dia eu rasgasse os meus versos por desencanto ou sóto da poesia, não estaria certo da extinção: restariam os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Condé.
CARLOS DRUMOND DE ANDRADE



Flagrante em que aparece Machado de Assis, tendo à sua direita Joaquim Nabuco e à esquerda, em primeiro plano, o prefeito Pereira Passos



Joaquim Nabuco, num expressivo flagrante, apanhado em 14 de agosto de 1905, quando nortrom se dirigia a Washington em companhia do americano R. C. Shannon e do brasileiro Vollozo (?)

Carta de Nabuco a Oliveira Lima

Amores, 7 de Maio

meu caro Dr. Lima,

Diga-me quando estão de volta. Supponho poder partir para Paris por oitavas a 14 ou 15, a menos de cada vez, e quizeria não me cruzar com o sr. O William diz-me que

é Sr. Dona Flora (Dona Um-bellina) me tem feito grande falta e creia-me sempre seu muito sinceramente best wisher

*Joaquim Nabuco
O Cavalcauti vem para Londres com o Barros Pimentel e o Brandão. Já o tem sabido.*

Londres, 1 de abril 1906

Meu caro Dr. Lima,
Diga-me quando estão de volta. Supponho poder partir para Paris por oitavas a 14 ou 15, apesar de nada ser certo, e quizeria não me cruzar com o sr. O William diz-me que talvez o sr. esteja a esta hora em Madrid.

Minha partida para New York será a 3 ou 5 de maio. Estou fatigadíssimo com as arrumações. Nada cança tanto. Exgotei o stock de calções que havia em Harrod's.

E agora? E a epops? De Washington pretendo ser o melhor dos correspondentes. Não teré mais notícias que dar, lá sómente se as recebem, mas hei de explorar o que as tenham para dar.

Muitas recomendações nossas a Sr. Dona Flora ("Dona Umbellina") me tem feito grande falta e creia-me sempre seu muito sinceramente best wisher.

JOAQUIM NABUCO
O Cavalcauti vem para Londres com o Barros Pimentel e o Brandão. Já o terá sabido.

FLASH Postumo de Joaquim Nabuco



NOME: JOAQUIM NABUCO
NASCEU EM RECIFE, AS 8,30 DO DIA 19 DE AGOSTO DE 1849 E RECEBEU O NOME DO SANTO DO DIA INDICADO NA FOLHINHA.
FOI BATIZADO NO ENGENHO DE MASSANGANA.
LOGO APÓS SEU NASCIMENTO FICOU SOB OS CUIDADOS DE SEUS PADRINHOS E RES-TITUIDO AOS SEUS PAIS SO' TRÊS ANOS DEPOIS.
EM PEQUENO DIZIAM OS SEUS PADRINHOS, ERA "TRAVESSO" E "GALANTE".
ALTURA: 1,75
FOI UM DOS HOMENS MAIS BELOS DE SEU TEMPO.
SAPATO N.º 41, FEITO NO THOMAS DE LONDRES.
USAVA CHAPÉUS LOCK.
CASADO TINHA CINCO FILHOS.
FOI CRIADO ATÉ AOS 8 ANOS PELA MADRINHA — ANA ROSA FALCÃO DE CARVALHO CATALICO PRATICANTE E FERVOZCO.
NUNCA FUMOU E A FUMACA DE CHARUTO LHE CAUSAVA REPUGNANCIA.
DORMIA E ACORDAVA TARDE.
NUNCA FEZ EXERCÍCIO FÍSICO, AFESAR DE SUA BELA APARENCIA, E NUNCA ANDOU A CAVALO.
GOSTAVA DE TER SEMPRE GENTE À MESA.
SEMPRE BEBIA AS REFEIÇÕES.
NUNCA DANÇOU.
AJUDOU À MISSA EM GAROTO NA CAPELA DO ENGENHO.
COMO ESTUDANTE NÃO FOI DOS MAIS ASSIDUOS.
TINHA VERDADEIRA OBSESSÃO PELA IDÉIA DE LIBERDADE.
FICOU LIGEIRAMENTE SURDO NO FIM DA VIDA.
FOI ALIADO INTERNO DO COLÉGIO PEDRO II, ONDE FEZ TODO O CURSO SECUNDÁRIO.
ERA APRECIADOR DE CAFÉ.
GOSTAVA DE VIAJAR.
PERDEU UM ANO NA FACULDADE DO RECIFE, POR TER APANHADO TIFO.
AOS 21 ANOS DE IDADE RECEBEU O GRAU DE BACHARTEL EM CIÊNCIAS SOCIAIS E JURÍDICAS PELA FACULDADE DE DIREITO DE RECIFE.
SEUS COLEGAS NO 3.º ANO DE FACULDADE: RUI BARROSA, CASTRO ALVES, RODRIGUES ALVES E AFONSO PENA. (FAC. DE S. PAULO)
APESAR DE NÃO GOSTAR DE APELIDOS, CHAMAVAM-NO QUINQUIM, OU QUINCAS, O BELO.
GOSTAVA DE TEATRO CLÁSSICO.
AOS 15 ANOS FEZ VERSOS, MAS EM CARTA A MACHADO DE ASSIS DECLAROU: "DE UMA CERTA IDADE EM DIANTE PRETENDO NÃO MAIS ME APLICAR A POESIA".
COSTUMAVA CONTAR HISTÓRIAS AOS FILHOS.
SEUS GRANDES AMIGOS DE INFÂNCIA: RODRIGUES ALVES, LUIS ALVES DE LIMA E SILVA FILHO.
AMIGOS DA MOCIDADE: BARROS PIMENTEL, ARTUR CARVALHO MOREIRA.
AMIGOS DA MADUREZA: HILÁRIO GOUVEIA, RODOLPHO DANTAS, ANDRÉ REBOUCAS, VISCONDE DE TAUNAY, EDUARDO PRADO E O PADÃO DO RIO BRANCO.
FALAVA ADMIRAVELMENTE O FRANCÊS E MUITO BEM O INGLÊS, E ENTENDIA O ESPANHOL E UM POUCO DE ALEMÃO.
NÃO DEIXAVA CARTAS SEM RESPOSTA.
TINHA DEVOÇÃO PELAS SETE VIRGENS MÁRTIRES DO CANON DA MISSA.
VIAJANDO, NÃO SE ESQUECIA DE LEVAR UM VIDRO DE CONHAQUE NO BOLSO, USANDO-O COMO TÔNICO.
COSTUMAVA ASSISTIR À MISSA CANTADA, DE QUE MUITO GOSTAVA.
LEU VÁRIAS VEZES O ROMANCE: "A CARANA DO PAT TOMAS".
SEUS FAVORITOS: EMERSON, CICERO E PLATÃO.
CONSIDERAVA TICIANO "O PINTOR DAS MAGNIFICÊNCIAS DA CARNE E DAS ELOQUÊNCIAS DA MATERIA".
COM 23 ANOS PUBLICOU O SEU PRIMEIRO LIVRO: "CAMÔES E OS LUSIADAS".
"A REFORMA" FOI O PRIMEIRO JORNAL EM QUE TRABALHOU NA IMPRENSA.
FUNDOU, COM MACHADO DE ASSIS, O PERIÓDICO MUNDANO: "A ÉPOCA" (IDUROU 4 NÚMEROS).
SEU PSEUDÔNIMO NA IMPRENSA: NINGUEM (RÉPLICIA A CASTRO ALVES QUE, NA OCASIÃO, USAVA O PSEUDÔNIMO DE ALGUEM).
OUTRO PSEUDÔNIMO: FRISCHUTZ (LIVRE ATIRADOR).
SEMPRE SONHOU CONHECER O ORIENTE.
CIDADES DE SUA PREDILEÇÃO: LONDRES E ROMA.
NO FIM DA VIDA JOGAVA BRIDGE E DOMINÓ COM OS FILHOS E AMIGOS.
FOI MONARQUISTA, SEM ACREDITAR, PORÉM, QUE O BRASIL PUDESSE VOLTAR A ESSE REGÍME DEPOIS DE 1889.
FALECEU EM 17 DE JANEIRO DE 1910, EM WASHINGTON, E FOI SEPULTADO NA CIDADE QUE TANTO AMOU — RECIFE.
ERA ALÉRGICO À MANTEIGA.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Conforme ficou prometido na semana passada, vamos hoje iniciar a publicação de uma série de depoimentos de intelectuais de São Paulo que discorrerão sobre o que fizeram, o que estão fazendo e o que pretendem fazer no terreno literário. Estamos dirigindo convites a novos, velhos, novíssimos, a todos medalhões e medalhinhas, esperando que todos eles olhem para o passado e consultem sua bola de cristal particular afim de que digam aos leitores o que já fizeram e o que pretendem fazer. Não é preciso mostrar as vantagens de tal inquerito que ficará como depoimento inestimável, eis que partido do próprio escritor. E vamos logo ao primeiro depoimento chegado, o de Antonio D'Elia, que contará aos leitores algo de sua vida intelectual:

"Cá estou eu com um novo depoimento. Antes de tudo, deixe-me dizer-lhe que você é incansável em sacudir a "intelligentzia" nativa e tirá-la dessa doce sonolência de tempos em tempos. Só você e mais o prazer de falar mal dos outros é que conseguem movimentar os nossos homens. Eles bocejam e dizem como Macunaíma: "Ai, que preguiça!"; mas sempre estão a postos para falar de si próprios (bem) e dos outros (mal). Fora disso, como são gênios, dormem, confundidos com os gênios fechados em ânforas e garrafas das "Mil e Uma Noites".

Mas vamos ao que tenho a dizer do que fiz, do que faço e do que pretendo fazer.

Passado. Água morna. Esparsas cotucadas na literatura, muito a medo ("Y creerán ustedes que es muy facil hincar um perro"), recebendo justíssimos safanões, que me repuseram na mediocridade e na reflexão, bem ponderada de que poderia fazer uma porção de coisas com a plástica linguagem e a dócil "Remington" (ofícios burocráticos, cartas comerciais e mesmo sonetos humorísticos sobre futebol), menos Arte com "a" maiusculo. Como sou teimoso, porém, não me dei por vencido e perpetrei coisas: poemas ao gosto água-de-rosas do Correia Junior, do Judas Isgorogota e do Cleómenes Campos — burradas da juventude que ainda me fazem corar; contos e crônicas em vagas revistas do Rio cujas coleções, para meu grande alívio, desapareceram higiênicamente; e outras grandes e pequenas asneiras das quais nem é bom falar. Mas, graças a Deus, an-

Cantinho dos Novíssimos

Maria Thereza Galvão Bue-nes publicou "Triptico", livro de poemas em português, inglês e francês, do qual copiamos ao acaso — este "Vento":

"As árvores cortam o vento:
E um sussurro lento, lento
A murmurar..."

As árvores queimam no vento:
Verdes chamas no cinzento
A crepitar..."

Fogueira de folhas no vento:
Não ha fogo neste lamento
A soluçar..."

O céu que passa leva o vento.
Galhos verdes, eis o momento,
Podéis cantar..."

Desta poetisa escreveu Guilherme de Almeida: "... a comovida inspiração das elegias de Marceline-Desbordes-Valmore e à melancolia penetrante dos "Sonnets from the Portuguese" de Elizabeth Barrett Browning junta-se agora, completando-as, a translúcida fluidez destes versos iluminados de Maria Thereza Galvão Bueno".

S. paulo nas letras e nas artes

ALCANTARA SILVEIRA

CAMUS EM SÃO PAULO

Camus passou uma semana em S. Paulo. Do programa organizado em sua honra pelo empresário Oswald de Andrade constou: visita à Penitenciária do Estado, visita a uma estação de rádio (onde o visitante foi obrigado a ouvir um dos programas radiofônicos mais cacetes que existem, organizado pelo speaker-poeta-e-ve-eador Cid Franco), visita a Iguape (no interior do Estado), para assistir às tradicionais festas do Divino. E uma feijoada em casa do aludido empresário.

Certamente outras pessoas se incumbiram de proporcionar ao autor de "La Peste" homenagens menos chatas, mais interessantes e à altura de sua inteligência, mas destas o reporter não teve noticia. As conferências pronunciadas por Camus (ditas anteriormente no Rio e no Recife) atraíram público numeroso, não tanto quanto era esperado, e nós particularmente preferimos o ensaísta ao conferencista.

Folgamos em registrar a sua grande preferência por René Char manifestada em entrevista aos jornais. Certamente de agora em diante o poeta francês será citado a torto e a direito pelos nossos intelectuais, pois ninguém vai deixar passar a ocasião de mostrar seus conhecimentos a respeito de um poeta citado por Camus! Queremos lembrar, por via das dúvidas, termos sido os primeiros a escrever sobre Char no Brasil e fazemos esta declaração à praça na falta de um departamento de registro de patentes de invenção e marca de fábrica intelectual, e para que outros amanhã não aleguem prioridade no assunto, como aliás já aconteceu quando revelamos Fernando Pessoa a São Paulo...

"TENTATIVA" N. 3

O número de "Tentativa" correspondente a agosto traz, como os anteriores, variada colaboração em prosa e verso, da qual convém ser lido: "Cancioneiro paulistano", de Otto Maria Carpeaux, "Netinha, com exemplos, sobre dois novíssimos", de Alcantara Silveira e "Bernardina", de Cesar Memolo Junior.

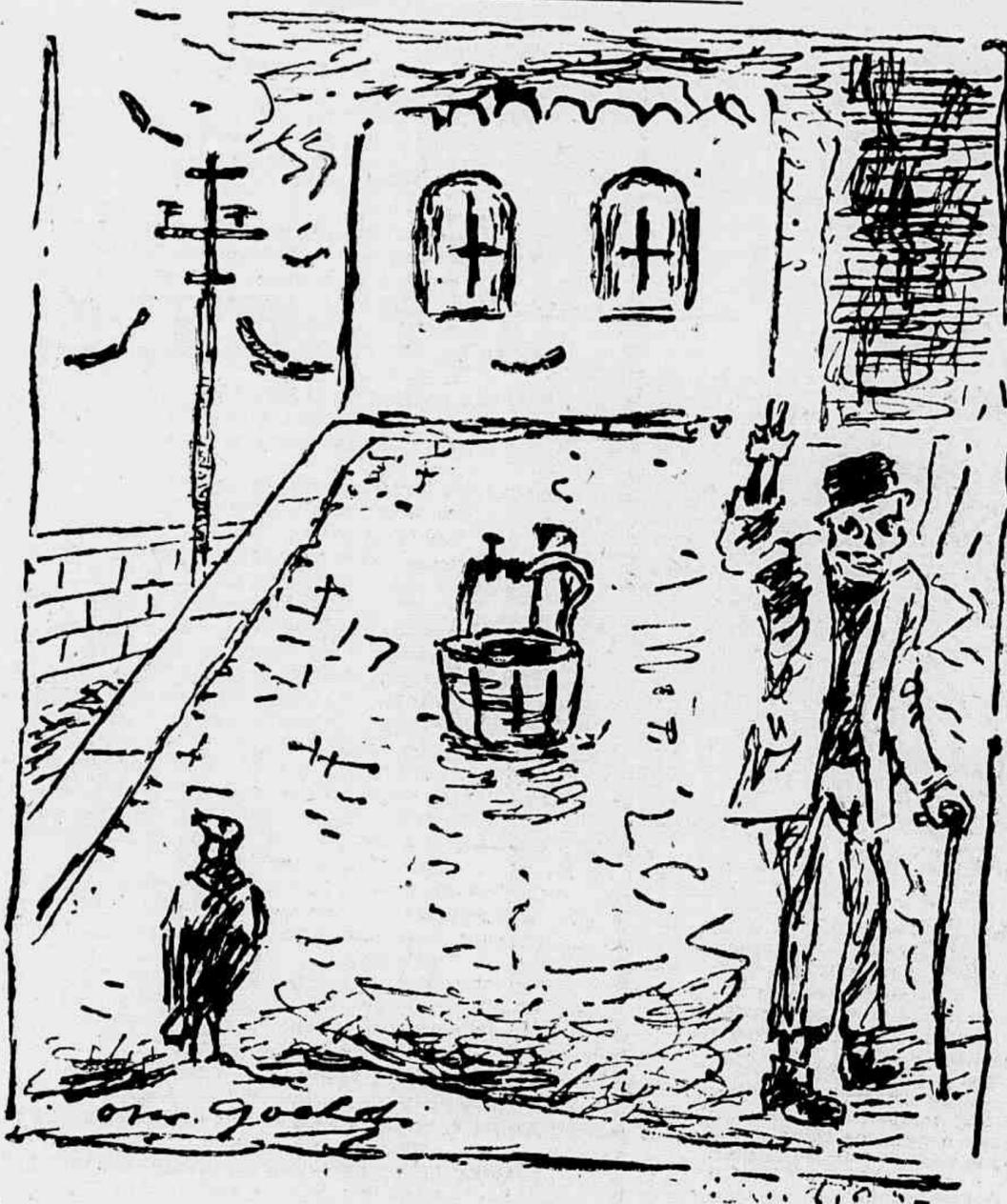
Dos poemas destacamos os de Guilherme de Almeida e de Dulce Carneiro. Os ex-

traímos se tomamos

traímos se tomamos

traímos se tomamos

traímos se tomamos



Desenho de OSWALDO GOELDI

Paulo"; agora, crônicas no suplemento deste último. Três ou quatro conferências com pouca gente dormindo porque tenho o cuidado de ser breve, de soar alto entre todos os parágrafos e de usar um tom de voz que parece esgar sempre indicando o fim. Exercício do cargo de 2º secretário da ABDE com algum trabalho e a verificação (não surpreendente, de resto) de que nada ou quase nada se pode fazer por um maior interesse dos escritores pela sua vida profissional. Inutil catucá-los e dar-lhes atribuições. Dormem até o fim do exercício e aí dizem — através da vibrante palavra do meu jovem amigo poeta Pinto Nazário (que não sei como, sabe dar a impressão de um sujeito solerte, acordado e disposto a tudo, pontificando num apartamento do Hotel Excelsior) — que a diretoria nada fez, com o que querem dizer, no fundo, que o Mário Neme nada fez...

Na direção, com outras atividades criaturas, do "Jornal das Artes". Bombando e energicamente oxigênio nos seus pulmões de papel "couché". Ameaçado pelos existencialistas Vicente Ferreira da Silva e Luis Washington de ser obrigado a fazer uma ou duas palestras pelo Departamento de Literatura do Museu de Arte Moderna. Trabalhando com o Sergio Millet na Biblioteca Municipal, o qual confia nas minhas virtudes de velho funcionário público e me inspira a composição de pequenas obras primas burocráticas: ofícios, portarias e memorandos, além de nobremente me permitir cuidar da disciplina interna e dar vazão aos meus instintos de capataz fanhudo de novela radiofônica.

Fui a São Paulo sem dúvida escrever um livro — um romance. Seu desafortunadamente desaparecido para isso. Idéias sinistras não me faltam, e continuar apenas tocando o "Jornal das Artes" não me parece bastante. Gostaria de ir a Paris e voltar de lá com um manuscrito à Henri Miller. A Henri Miller, pois já superei a fase dos Malraux, dos Gide, dos Aldous Huxley e mesmo dos Hemingway e Faulkner. Agora ando na fase escatológica. E se demorar mais a escrever o livro, acabo sendo pior que o Miller".

E aí fica o que nos mandou Antonio D'Elia que, apesar de se revelar muito modesto, escreveu um depoimento sincero, honesto e digno de modo para outros depoentes. No próximo número publicaremos o depoimento de Luis Washington.

O cronista Di Cavalcanti

Di Cavalcanti passou a ser, de uns tempos para cá, figura obrigatória das "boites" paulistas ao ponto de — como ele mesmo declarou em "flash" a João Condé — as orquestras dessas casas de "diversões" tocarem música especial à sua entrada, aliás quase sempre bem acompanhado...

O velho boêmio, como autêntico homem de esquerda, preocupado com os altos problemas de seu partido e naturalmente frequente nessas lugares para entrar em contacto com as podridões burguesas e escrever mais tarde uma "Experiência" à moda do seu colega Mário de Carvalho...

Ultimamente anunciou um vespertino paulistano que Di Cavalcanti passaria a assinar uma crônica diária em suas colunas. Todos pensavam que o pintor "double" de cronista fosse contar cenas da vida boêmia de São Paulo, o que seria realmente interessantíssimo. Mas suas crônicas, pelo menos as aparecidas até agora, não revelaram nada de interessante ou original. Fazemos votos para que Di Cavalcanti saiba despertar interesse com sua coluna para não ficar sendo mais um cronista de jornal dentre os milhares que pululam por aí.

O ENCONTRO DE NABUCO COM O PAPA LEÃO XIII

Reproduzimos, nesta página, a descrição que Joaquim Nabuco fez do desenrolar da audiência particular que, em 10 de fevereiro de 1888, lhe concedeu S. S. Leão XIII. Esse encontro teve a maior repercussão no Brasil, pois que as palavras do grande Papa que, três meses após, daria ao mundo a famosa carta encíclica "Rerum Novarum", chegaram ao conhecimento dos católicos brasileiros, escravocratas ou abolicionistas, através da entrevista que Nabuco transmitira logo depois a "O País". A benção do Vaticano à Campanha Abolicionista veio afrouzar as últimas resistências contra o movimento.

AS PALAVRAS que caíram dos lábios do Santo Padre gravaram-se-me na memória, e não creio que se apaguem mais, nem creio que eu deixe de ouvir a voz e o tom firme com que foram ditas. O Papa começou notando que ele me havia demorado muito tempo em Roma, mas que eram numerosos os seus deveres nesse momento, ao que respondi que o meu tempo não podia ser melhor empregado do que em esperar a palavra de Sua Santidade. — Eu ia aos Estados Unidos, disse eu a Leão XIII, onde está a maior parte da raça negra da América; mas quando os nossos bispos começaram a falar com deliberação e de comum acordo a propósito do jubileu de Vossa Santidade e a pedir a emancipação dos escravos como o melhor e mais alto modo de o solenizar no Brasil, pensei que devia antes de tudo vir a Roma pedir a Vossa Santidade que completasse a obra daqueles prelados, condenando, em nome da Igreja, a escravidão. Conseguindo isto de Vossa Santidade, nós, abolicionistas, teríamos conseguido um ponto de apoio na consciência católica do país, que seria da maior vantagem para a realização completa da nossa esperança.

Sua Santidade respondeu: — Se que vous avez à coeur, l'Eglise aussi l'a à coeur. A escravidão está condenada pela Igreja e já devia há muito tempo ter acabado. O homem não pode ser escravo do homem. Todos são igualmente filhos de Deus, des enfants de Dieu. Sentí-me vivamente tocado pela ação dos bispos, que aprovo completamente, por terem de acordo com os Católicos do Brasil escolhido o meu jubileu sacerdotal para essa grande iniciativa... E' preciso agora aproveitar a iniciativa dos bispos para apressar a emancipação. Vou falar nesse sentido. Se a encíclica aparecerá no mês que vem ou depois de Páscoa, não posso ainda dizer...

— O que nós quiséramos, observei, era que Vossa Santidade falasse de modo que a sua voz chegasse ao Brasil antes da abertura do Parlamento, que tem lugar em maio. A palavra de Vossa Santidade exerceria a maior influência no ânimo do governo e da pequena parte do país que não quer ainda acompanhar o movimento nacional. Nós esperamos que Vossa Santidade diga uma palavra que prenda a consciência de todos os verdadeiros católicos.

— Ce mot je le dirai, vous pouvez en être sûr, respondeu-me o Papa, e quando o Papa tiver falado, todos os católicos terão de obedecer.

Estas últimas palavras o Papa m'as repetiu duas ou três vezes, sempre na forma impessoal; não: — quando eu tiver falado, mas sempre: — quando o Papa tiver falado.

Acredito ter sido absolutamente leal para com os meus adversários na exposição que fiz em seguida à Sua Santidade da marcha da questão abolicionista no Brasil. O Papa fez-me diversas perguntas, a cada uma das quais respe com a completa lealdade devia primeiro ao Papa, e depois aos meus compatriotas. Descrevi o movimento abolicionista no Brasil, como tendo-se tornado proeminentemente um movimento da própria classe dos proprietários, e del, como devia, e é justo, aos operários desinteressados da última hora a maior parte na solução definitiva do problema, que sem a sua generosidade seria insolúvel.

seus títulos de propriedade escrava. Disse que essa era a prova real de que a escravidão no Brasil tinha sido sempre uma instituição estrangeira, alheia ao espírito nacional, o que é ainda confirmado (isto não disse ao Papa) pelo fato de que os estrangeiros no Brasil foram, e são ainda hoje, de toda a comunhão, os que menos simpatia mostraram ao movimento libertador. Quanto à Família Imperial, repeti ao Sumo Pontífice que o que há feito em nossa lei a favor dos escravos, é devido à iniciativa e imposição do Imperador, ainda que seja pouco. — Uma dinastia, acrescentei, tem interesses materiais que dependem do apoio de todas as classes e não pode afrontar a má vontade de nenhuma, muito menos da mais poderosa de todas. O Papado, porém, não depende de nenhuma classe, por isso coloca-se no ponto de vista da moral absoluta, que nenhuma dinastia pode tomar sem destruir-se. Falando do atual Presidente do Conselho, disse a Sua Santidade que ele era um homem a quem a Igreja no Brasil devia muito por ter sido ele o principal autor da anistia, que pôs termo ao conflito de 1873, mas que, nessa questão, não tinha-

mos motivo para supor que elle quisesse ir além da lei actual, e que era positivamente contrário ao desejo unânime da



Papa Leão XIII

nação. — Eu, porém, acrescentei, não peço a Vossa Santidade um ato político, ainda que as consequências políticas, que a nação há de sem duvi-

da tirar do ato que imploro, sejam incontestáveis. Felizmente, Vossa Santidade está em uma posição donde não vê os partidos, mas só os princípios. O que nós queremos é um mandamento moral, é a lição da Igreja sobre a liberdade do homem. Não há governo no mundo que possa ter a pretensão de que o Papa, ao estabelecer um princípio de moral universal, pare para considerar se esse princípio está de acordo ou em conflito com os interesses políticos desse governo. Agora mesmo um sacerdote brasileiro foi preso por açoitiar escravos. Nós, abolicionistas, por toda parte açoitamos escravos. Fazemos o que faziam os bispos da média idade com os servos. O sentimento da nação, isto posso afirmar a Vossa Santidade, é unânime, e a palavra do chefe da Igreja não encontraria ninguém para disputá-la.

O Papa então repetiu-me que a sua encíclica abundaria nos sentimentos do Evangelho, que a causa era tão sua como nossa, e que o governo mesmo veria que era de boa política reconhecer a liberdade a que todo o filho de Deus tem direito pelo seu próprio nascimento, e que o Papa falaria ao mesmo

tempo que da liberdade, da necessidade de educar religiosamente essa massa de infelizes, privados até hoje de instrução moral.

O cardeal Czacki me tinha falado igualmente no dever de dar educação moral aos libertos, e nesse sentido parece que na América do Norte e nas Antilhas o catolicismo vai tentar um grande esforço. Simpatizando com o princípio da nossa propaganda abolicionista e pondo em relevo a responsabilidade que nós, abolicionistas, havíamos contraído, o cardeal Czacki pôs o dedo no que é a ferida da raça negra, ainda mais degradada talvez do que oprimida, e, do ponto de vista católico, me disse que não havia outro meio para fazer desses escravos de ontem, homens moralizados, senão espalhar largamente entre eles a educação religiosa que não tiveram nunca. Como respondi ao cardeal, assim respondi ao Papa. Antes de começar o movimento abolicionista em 1879, disse eu ao Sumo Pontífice, o partido liberal a que pertencem, em consequência da luta com os bispos em 1873, luta sobre a qual os conservadores haviam pronunciado a anistia, achava-se principalmente voltado para medidas de secularização dos atos da vida civil, quase todos ainda confiados entre nós à Igreja. Com essas medidas desenvolveu-se mesmo um estado de guerra entre o liberalismo e a Igreja. Desde que começou o movimento abolicionista, entretanto, morreram todas as outras questões, e literalmente há nove anos não se tem tratado de outra coisa no país. Estabeleceu-se então uma verdadeira trégua de Deus entre homens de todos os modos de sentir e pensar a respeito das outras questões. O primeiro que na Camara elevou a voz para pedir a abolição imediata, o deputado Jerônimo Sodré, é um católico proeminente. O co-proprietário do jornal abolicionista de Pernambuco, que sustenta a minha política, é o presidente de uma sociedade católica, o sr. Gomes de Matos. Os bispos e os abolicionistas trabalham agora de comum acordo. Essa trégua tem durado até hoje sem perturbação, e espero que dure por muito tempo ainda. Abolida a escravidão, resta proteger o escravo livre. Nesse campo nada em nossas leis impede que a Igreja entre em concorrência para obter a clientela da raça que tiver ajudado a resgatar. Não seremos nós, abolicionistas, que havemos de impedir a aproximação entre os novos cidadãos e a única religião capaz de os conquistar para a civilização. As vistas do país voltar-se-ão para as outras questões do melhoramento da condição do povo, da criação da vida local, em que pode e deve continuar a trégua, ou melhor, a aliança. Se a Igreja conseguir recomendar-se ao reconhecimento da raça escrava, concorrendo para o seu resgate, os abolicionistas por certo não lhes hão de aconselhar a ingratitude.

O Papa ouviu-me todo o tempo com a maior simpatia e justificou-me de ter pedido mais do que o cardeal Manning julgara razoável que eu pedisse. Sua Eminência, com efeito, aconselhou-me a pedir ao Papa a promulgação das Bulas de alguns dos seus antecessores e eu pedi um ato pessoal de Leão XIII. — As circunstâncias mudam, disse-me o Papa, os tempos não são os mesmos; quando essas Bulas foram publicadas, a escravidão era forte no mundo, hoje ela está felizmente acabada.

O ato de Vossa Santidade, disse-lhe eu, terminando, será uma página da história da civilização cristã que ilustrará o seu pontificado... Sua encíclica levantar-se-á tão alto aos olhos do mundo, dominando o movimento da abolição como a cúpula de São Pedro sobre a Campanha Romana."

LEÃO XIII VISTO POR JOAQUIM NABUCO

"O Papa recebe em audiência particular, sem testemunha alguma. Ninguém está na sala senão ele e a pessoa a quem a audiência é concedida. Em uma sala contígua está um secretário e um oficial da guarda, mas uma vez introduzido no pequeno salão, o visitante achase à portas fechadas em presença somente de Leão XIII. O Papa, que lia um livro de versos latinos quando fui anunciado, mandou que me assentasse numa cadeira ao lado da sua e perguntou-me em que língua devia falar-me. Eu preferi o francês.

A impressão que senti todo o tempo da audiência, que não durou menos de três quartos de hora, não se parece com a sensação causada pela presença de um dos grandes soberanos do mundo. O trono brasileiro

é uma exceção. Nunca no Brasil houve homem tão acessível como o Imperador, nem caso tão aberta como São Cristóvão. Mas os monarcas em geral são educados e crescem, porque a sua condição é superior à do resto dos homens, na crença de que são melhores do que a humanidade. A todas as vantagens do Papado como instituição monárquica, notavelmente a eletividade, é preciso acrescentar essa superioridade do Papa sobre os outros soberanos, que estes nascem, vivem e morrem no trono, e que os Papas só chegam à realeza nos últimos anos da vida, isto é, que vivem toda a vida como homens e no trono não fazem quase senão coroar a sua carreira. Esse caráter humano da realeza pontifícia é a condição principa-

de seu prestígio, assim como a eletividade é a condição da sua duração ilimitada e o espírito religioso a da sua seleção moral. Eu diria mesmo que a sós com o Papa a impressão é antes a do confessorário que a dos degraus do trono, se ao mesmo tempo não houvesse na franqueza e na reserva de Sua Santidade alguma coisa que excluísse desde o princípio a idéia de que ali esteja o confessor interessado em descobrir o fundo da alma do seu interlocutor. A impressão dominante é, entretanto, de confiança absoluta como se, entre aquelas quatro paredes, tudo o que se pudesse dizer ao Sumo Pontífice tomasse caráter de uma conversa íntima com Deus, de quem estivesse ali o intérprete e o mediador."

Nabuco na opinião de Patrocínio

A PALAVRA de Joaquim Nabuco construiu desde logo uma muralha de estrelas em derredor do Ministério. O orador parlamentar dos cativos aceitou de frente, e em campo aberto, o combate que insidiosamente era oferecido ao Ministério; e grande, extraordinário, incomparável, com energia selvagem entrou na peleja como se fosse um Deus.

Parecia que estava servido de uma arma ingente: um arco feito com a curva de uma aurora, tendo como corda a linha reta da honra. Afigurava-se a gente que o tremendo sagitário sagrado trazia como aljava uma nebulosa cheia de pequenos sóis que lhe serviam de balas.

A conspiração dos interesses partidários desfez-se ins-

tantaneamente; as paixões se transubstanciaram em sentimentos liberais.

Joaquim Nabuco deu voz de arrependimento a todos os partidos.

Depois daquela confissão em voz alta, como nos primeiros tempos do cristianismo, a Pátria fez sua primeira comunhão de fraternidade.

(Conclusão da 5.ª pág.)

CARTAS INEDITAS DE NABUCO

um tanto inacessível mesmo aos mais próximos. Durante o longo período passado na rotina do serviço consular, dos quais dezessete no consulado de Liverpool, não foram muitos os que tiveram ocasião de he conhecer o preclaro merecimento e poder prever o alto destino que sua capacidade e seus conhecimentos lhe poderiam garantir. Joaquim Nabuco formou na onda daqueles que fizeram chegar a Floriano Peixoto ("o Nabuco é um adversário leal", respondera o Marechal ao amigo que lhe transmitiu o recado), que o brasileiro mais próprio para defender nosso território na questão das Missões, no arbitramento já confiado ao presidente Cleveland, quando faleceu o plenipotenciário do Brasil, Barão de Aguiar de Andrada, era o Cônsul do Brasil em Liverpool. Num labor paciente de anos, Rio Branco fizera alargando-as não só nesta linha, mas em todas as dúvidas semelhantes, as fronteiras do Brasil e que foi o maior ministro das Relações Exteriores que já teve o Brasil.

C. N.

Rio, 3 de abril de 1886

Meu caro Paranhos,

Muito obrigado e de todo o coração pela sua carta e tudo que nela se contém. Agradeço-lhe muito a prontidão com que você mandou as £ 50, que eu lhe pedi adiantasse a H.

Por este vapor você receberá uns versos meus franceses. Saíram cheios de erros na "Gazeta de Notícias", e agora quero ver se saem mais corretos. Espero que lhe agrade.

Esses panfletos têm-se vendido, mas eu os encetei como precursores apenas do "Século", que estou tratando de fundar, com capital pernambucano que me foi prometido. Espero até ao dia 15 ter uma solução a esse respeito, e envio-lhe uma pequena chave telegráfica para o caso de insucesso, sendo que eu desejo que você logo que reciba esta vá dando seriamente os passos precisos para no caso de eu não querer ficar aqui poder partir.

Com um Amigo como você, para quem a amizade é mais do que uma palavra, posso falar de coração aberto. Aqui vai a minha história, isto é, a posição em que me acho. Não tenho objeção a que você confidencialmente a conte também aos outros dois P. P. (Penedo e Picot).

Quando vim da Europa, em 1884, eu ganhava em Londres £ 30 do "Jornal", £ 50 por trimestre (quero dizer guinéus £ 52.10.0) da Central Sugar, £ 10 da "Razon" de Montevideo, e de consultas de advocacia — digamos £ 10, porque eu tive diversas que me foram pagas a £ 50. Isso é, tirei perto de £ 70 por mês com uma perspectiva de muito mais. Infelizmente caí doente, e tive que vir ao Brasil, e hoje reconheço que se não tivesse partido teria morrido, tão fraco e tão abatido, de fato tão mudado, cheguei. Não tenho portanto que me arrepender de ter vindo. Desde, porém, que saí de Londres deixei de ganhar. Estive aqui de maio a setembro, doente, tratando-me. Em setembro parti para o Recife, liquidou-se o Montepio e eu tive uns 4:500\$ na liquidação. Depois recebi dois meses de subsídio na Câmara. Foi tudo.

Desde abril de 1884 tenho estado a gastar dinheiro sem dinheiro. Eu em Londres tinha uma pequena dívida feita para as despesas de minha colocação e partida para lá. Essa dívida, eu a teria pago com o produto do Montepio. Este, porém, foi-se nas eleições. Tive quatro eleições em um ano! Viagens repetidas, dispendiosas como são, e como as minhas despesas eram permanentes, e cresciam extraordinariamente, fui-me endividando e hoje acho-me colocado em uma posição difi-

cil. Assim a minha vida no Brasil fez-me perder tudo o que eu tinha e o que ia ter, e obrigou-me a despesas muito além de meus meios, perdendo eu portanto duas vezes, em suma, para um homem regrado, e extremamente suscetível à pressão da dívida, foi um desastre que só teve uma compensação, além da volta da saúde, a minha atual relação com Pernambuco, e o amor que lá me têm.

A minha idéia de fundar um jornal político resulta deste duplo pensamento. A necessidade de ver o Partido Liberal representado na imprensa pelos seus elementos liberais (vejo o visconde de Pinhal, o único deputado liberal de S. Paulo, e verdade que é de S. Paulo, o que acaba de fazer), e o sentir eu que em oposição aqui possa encurtar a época imperial do partido Conservador, porque você sabe "os períodos" dos partidos, são fixados pelo Imperador somente.

Julguei-me obrigado a fazer essa tentativa. E se os meus amigos estiverem prontos a unir-se a mim, como parecem, eu andarei melhor identificando-me com eles que realmente têm feito toda espécie de sacrifícios por mim. Nem lhe posso dizer que sacrifícios foram para eles essas eleições sucessivas em que me envolvi! Se porém o jornal não se puder fundar, estarei livre para partir, mas então será por muito tempo, será, como o seu, quase um divórcio da política. E' isto o que me faz tanto hesitar.

Em 1878 eu estava na diplomacia, e hoje estaria muito adiantado nela se tivesse ficado fora da política. Mas a política me arrastou, e uma vez no

Parlamento, irresistivelmente, o abolicionismo me atirou fora dessa outra carreira, a política, fazendo de mim um como que semeador de idéias. Nada mais. Em todos os casos pus de lado os meus interesses materiais completamente, e acredite que eram grandes, e pior ainda, fortes afeições. Mas hoje a situação é esta: por uma série de evoluções cheguei a ser um dos representantes de uma grande aspiração nacional por um lado, e por outro, de grandes esperanças duma Província. A qual muito devo. Eu sinto que ficar na política é arruinar-me. Que as exigências a que tenho que atender não me deixariam parar no plano inclinado em que fui repentinamente lançado, e que serei um nômade, de espírito e de instalação entre o Norte e o Sul entre Pernambuco e o Rio. Partir hoje, quereria dizer — quebrar esses laços, retirar-me do movimento no instante para mim mais interessante e momentoso, e ainda uma vez abandonar uma carreira feita pelo desconhecido de posições precárias e subalternas e por um novo provisório, como se me figura ser a vida no estrangeiro, a mim que tenho tantas raízes, tantas e tão fundas neste país. A minha única salvação está em ser coagido pela necessidade a fazer uma coisa ou outra, como tenho sido sempre, porque a escolha definitiva é superior à minha deliberação tão difícil, tão impossível.

Adeus, meu caro Amigo. Refflita em tudo isso. Eu estimaria poder contar com o lugar do "Jornal", se o Picot não tiver perdido a confiança em mim. Eu escrevi-lhe uma vez sobre as correspondências do meu sucessor, mas tenho medo

que ele tenha visto uma crítica onde não havia, porque realmente as cartas são excelentes, o seu único defeito é serem um tanto tardias e não darem a primeira impressão dos fatos. Não sei quem me substituiu. Infelizmente, se eu voltasse, teria que pedir ao nosso Amigo que me deixasse residir parte do ano fora da Inglaterra, porque o clima de Londres, sem sol, não conviria mais hoje à minha constituição, muito enfraquecida quanto aos nervos. Não lhe posso, porém dizer por escrito, meu caro Amigo, todas as causas de perturbação que ultimamente têm-me feito viver como que sobre um solo movediço, e que me fazem desejar como suprema felicidade de esse ideal da Monotonia que eu acabo de ver descrito por Théodore de Banville, num número de Gil Blas, de um homem que faz todos os dias as mesmas coisas às mesmas horas invariável como o ponteiro do relógio.

Lembranças minhas ao seu pequeno mundo e aos nossos amigos. Al lhe mando um retrato mais. Sempre seu todo

JOAQUIM NABUCO.

A MACHADO DE ASSIS

Machado, dez anos mais velho que Nabuco, era escritor de nome. Quando Nabuco, aos quinze anos, publicou em folheto uma ode à Polónia, "O gigante da Polónia". No seu folhetim de crítica, no "Diário do Rio de Janeiro", Machado escreveu algumas palavras de animação para "o jovem poeta que balbucia apenas". O colegial agradeceu-os nesta carta de primeiro de fevereiro de mil oitocentos e sessenta e cinco.

Mais tarde, em 1874, já amigos, uniram-se na fundação de um periódico brilhante, que se durou quatro números, "A Epoca". Mais tarde ainda, já na República, encontravam-se diariamente à tarde para palestrar na Livraria Garnier, ponto de reunião dos intelectuais, depois na "Revista Brasileira", e por fim na Academia de Letras as que foram, com Lúcio de Mendonça, os principais fundadores. A Academia foi até ao fim o laço de união entre eles, firmando a amizade e admiração recíprocas. Ambos tinham-lhe carinho. Ocupam-se constantemente de lá as cartas que trocavam quando as missões diplomáticas afastaram Nabuco do Brasil por muitos anos. "Mas espero, escrevia Nabuco a Machado, voltar ainda antes da noite. E então os meus futuros procuraráo acompanhar os seus 70 jutos até o fim das respectivas casas. Ora!"

A Nabuco, quando escreveu estas palavras em 1903, restava pouco mais de um ano de vida. A Machado, semanas apenas. Em outubro de 1903, José Veríssimo escreveu a Nabuco sobre a morte do amigo: "Na manhã do dia anterior, estando eu com ele no quarto do pavimento térreo em que padecia e faleceu, ele, sempre com a idéia da morte presente, disse-me:

"Veríssimo, você manda contar este defeito aos amigos que estão fora e não sou-o, ao Sr. em primeiro lugar."

C. N.

12, rua Marquês de Olinda, Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1899.

Meu caro Machado,

Como ninguém escreve nessa estilo, etc. já o vi há dias na "Gazeta" antes do José Veríssimo mostrá-lo (1). Agora queira dizer-me como se vai formando em seu espírito a sucessão do Taunay na Academia... (2) O Loreto disse-me antontem que na "Revista", onde não vou há muito, se falava em Arnos e Assis Brasil. Eu disse-lhe que minha idéia era o Constancio Alves. O Taunay era um dos nossos, e se o substituímos por algum ausente, como qualquer daqueles, teríamos dado um golpe no pequeno grupo que se reúne e faz de Academia. Depois ficaríamos sem recepção. O Arnos talvez viesse fazer o elogio... Eu, pela minha parte, que entre os dois votaria nele, porque o elogio do Taunay pelo Assis Brasil (este pode ser reservado para outra cadeira mais congenial com o seu temperamento) podia ser uma peça forçada, confesso-lhe que não vejo ninguém como o Constancio mas se você não pensa que o Constancio tem a melodia interior, a nota rara, que eu lhe descobri, submeto-me ao mestre. Com o voto do Dória (3) que me prometeu, e o meu, o Constancio já tem dois. Se você viesse, era o triângulo, e podíamos até falsificar a eleição. Sério!

Escreva-me uma linha, já que não nos vemos mais. Há-de você crer que não me entregava de "quando em vez" ao prazer de conversar "consigo" só por não saber que o seu número no Cosme Velho era 18! Sei que a carta dirigida ao Rio de Janeiro iria ter-lhe às mãos, mas tenho a superstição de não escrever sem endereço exato, e foi agora, vendo o amável bilhete de ano bom, que você gentilmente me remeteu, que me ocorreu a idéia do agradável passatempo, que acabo de ter sobre pretexto de cabalário. Muitas afetuosas lembranças do amigo sincero e tão admirador

JOAQUIM NABUCO.

(1) Referência ao artigo de Machado em homenagem a Almeida Garrett publicado na "Gazeta de Notícias", sem assinatura, por ocasião do centenário do poeta, em 4 de fevereiro de 1899.

(2) Taunay faleceu em 25 de janeiro.

(3) Franklin Dória, Barão de Loreto.



Desenho de YLLEN KERR

UM MORALISTA DA REVOLTA: CHAMFORT

ALBERT CAMUS

(Tradução de MARIA DA SAUDADE CORTESÃO)

Já se disse de Sebastian Roch Nicolas Chamfort, que a posteridade não poderia referir-lhe o nome à condição de esquecer-lhe a obra. E' que a posteridade gosta do conforto e a obra de Chamfort é desconfortável. A natureza humana sai de lá maltratada, e Chamfort exaltou apenas uma virtude e uma das menos bem repartidas que há no mundo, quero dizer o caráter. Mas uma época como a nossa, em que a natureza humana se tem distinguido por tão primorosos crimes, deve mostrar-se menos suscetível, e está talvez destinada a reparar uma das injustiças mais extraordinárias da história literária.

Chamfort, que viveu de 1741 a 1794, é o último de nossos moralistas clássicos. Depois dele é o silêncio das épocas revolucionárias e depois a literatura romântica, isto é, enjoada.

Começamos por dizer que para um homem que observa o mundo mas ocupa nele o seu lugar, é difícil estar sempre de acordo com Chamfort. Assim, por exemplo, custa-nos admitir que a superioridade só tenha inimigos e que o gênio seja forçosamente solitário. A superioridade vai bem com a amizade e o gênio é muitas vezes social.

E' difícil também partilhar um dos sentimentos mais tolos e comuns que existem, refiro-me ao desprezo pelas mulheres em geral. Não pode haver desprezo, nem paixão, em geral. Tudo exige conhecimento de causa. Prefiro as máximas em que Chamfort gradua o seu julgamento. Como esta, que vai longe: "As mulheres só têm de bom o que têm de melhor". E esta, que nos comove por sua melancolia: "E' serçoso esculher, amar as mulheres ou conhecê-las, não há meio termo". Direi, enfim, que a misantropia me parece uma atitude fútil e mal educada e que em Chamfort não gosto de sua irritação latente, seu lado vociferador, nem de seu desespero total. Isto dito, terei apresentado os elementos que fazem com que, apesar de tudo Chamfort me parece ser um dos nossos moralistas mais instrutivos.

Ora, os nossos maiores moralistas não são os fazedores de máximas, são os romancistas. Afinal, que é um moralista? E' um homem, digamos, que se debruça apaixonadamente sobre o coração humano. E nada é menos geral que o coração humano. E' por isso que, malgrado as aparências, é difícil aprender alguma coisa sobre a conduta dos homens lendo as Máximas de La Rochefoucault. De bom grado daria, todo o livro em troca duma frase feita da "Princesse de Clèves", ou dois desses pequenos fatos reais que Stendhal sabia recolher. Os verdadeiros moralistas não fizeram frases: observaram e observaram-se. Não legislaram: descreveram. E' essa maneira contribuíram mais para esclarecer o comportamento dos homens do que se tivessem polido pacientemente uma centena de fórmulas definitivas, votadas às dissertações escolares. E que só o romance se mostra fiel ao particular. Seu objetivo não são as conclusões da vida mas o seu desenrolar. E assim é instrumento de conhecimento, como o podem ser as ciências naturais ou físicas e como não podem sê-lo nem a matemática nem as máximas, pois que ambas são jogos do espírito agindo sobre si mesmo.

Com efeito, que é a máxima? Pode dizer-se, simplificando, que é uma equação em que os signos do primeiro termo reaparecem no segundo mas em ordem diferente. E' por isso, que a máxima ideal pode voltar-se do avesso. Sua verdade encerra-se em si mesma e, como a fórmula algébrica não tem correspondência na realidade. Nela nada é verdadeiro porque tudo é geral. Ora, o que faz o interesse de Chamfort, é que ele, salvo pou-

cas exceções, não escreve máximas. Olhando de perto o que é costume chamar seus "pensamentos" chega-se facilmente à conclusão que não cultivava a antítese nem a fórmula. Expressa-se por meio de observações, que poderiam fazer parte duma narrativa: "E' necessário ser justo antes de ser generoso, como é preciso ter camisas antes de ter rendas." Não são leis, são anotações, sondagens, uma iluminação brusca, que revela uma alma. Assim, falando dum egoísta: "Atacaria fogo à casa alheia para cozinhar dois ovos". Ou duma dama da corte que não dava mostras de sensibilidade na apresentação duma de nossas grandes tragédias: "Bem que eu choraria, mas vou a um jantar"... Ou sobre a sociedade esta observação sempre atual: "Para agradar em sociedade é preciso que aqueles que não as sabem, nos ensinem as coisas que sabemos". Ou estas duas que resumem as contradições de Chamfort: "O homem que aos quarenta anos não é misantropo não amou os seus semelhantes", e "O gosto pelo sacrifício é o egoísmo dos grandes caracteres". Chamfort não estratifica em fórmulas sua experiência da vida, apenas sua grande arte abunda em traços intimamente certos, os quais pressupõem um retrato, ou situações, que o espírito pode facilmente reconstituir. E' é nisso que ele nos faz primeiro pensar em Stendhal, que, como ele, procurou o homem onde se encontra, isto é, em sociedade, e a verdade onde ela está, ou seja, em suas peculiaridades. Mas a semelhança entre ambos vai mais longe e é possível sem paradoxo falar de Chamfort como de um romancista. Pois que na sua obra mil anotações da mesma ordem acabam formando uma espécie de romance inorgânico, de crônica coletiva. Refiro-me às "Máximas". Mas se considerarmos paralelamente as "Anedotas", onde os personagens aparecem em cena com seus traços distintivos, ter-se-á uma idéia ainda mais nítida deste romance inconfessado. Temos assim uma espécie de grande Comédia Mundana em que é possível distinguir um enredo e um herói. Tentemos resumí-la.

A cena situa-se em fins de século XVIII, em meio a uma sociedade sem vigor, mas não sem graça, e cuja ocupação única, ao que parece, é dançar sobre os vulcões. A cena é pois o que então se chamava "le monde", isto é, a alta sociedade. E' preciso notar que esse fato tira generalidade às observações de Chamfort. E a frase famosa sobre o amor, que não passa de "o contacto de duas epidermes e o encontro de duas fantasias", incompreensível num homem que disse coisas tão profundas sobre a paixão, só ganha sentido verdadeiro quando sabemos que começa: "O amor, tal como existe na sociedade..."

O que Chamfort ataca é pois uma classe, uma minoria, segregada do resto da nação, surda e cega, aferrada a seus prazeres. Eis a classe que fornece os personagens do romance, o ambiente, os assuntos da sátira. Porque se trata primeiramente dum romance satírico. E' o Rei, a Corte, Madame, filha do rei, espantando-se, em criança, de sua mãe ter como ela cinco dedos; Luis XV em seu leito de agonia reagindo porque o médico empregara a fórmula "é preciso" — é preciso tomar o remédio; a duquesa de Rohan, grávida, a quem perguntavam

quando daria à luz: "tereí essa honra daqui a dois meses"; a insondável estupidez dos cortesãos, sua incrível pretensão que os faz designar Deus como "o fidalgo lá de cima"; Mr. de Mauveron mandando enforcar



Camus, num desenho de Pacheco

um coqueiro inocente em lugar dum cozinheiro culpado, mas de cuja cozinha gostava; e muitos outros. São retratos, cenas em que frequentemente reaparecem os mesmos personagens. Com duas ou três exceções, em que utiliza traços de comédia, sua técnica é a do romance e até a do romance moderno. Representa os seres por meio de seus atos.

No meio de tudo o herói do romance é o próprio Chamfort. Se reunissemos, com efeito, os textos que se referem a um certo M... obteríamos um retrato bastante completo desse personagem para quem Chamfort forjou o vocábulo "sarcasmático". Tendo provado tudo e tudo rejeitado, só poderia ser descrito pela negação se não fosse terem-lhe ficado duas coisas que o marcam dum quê inimitável: a recordação das baixões e o culto do caráter. Não é sem razão que Chamfort intitulou com tamanha altivez "Do gosto pelo retiro e da dignidade do caráter", uma das secções de suas "Máximas". E' o que ele coloca mais alto no homem, e seu único defeito, talvez, é confundir o caráter com a solidão. Mas restituiremos o seu sentido verdadeiro a este culto do caráter se considerarmos que é a reacção inevitável dum homem colocado no meio duma sociedade decadente, onde o espírito campeia em todos os salões mas onde ninguém toma a sério as grandes lições da verdade. Ainda assim, para amenizar o seu postulado, ele recorre à experiência: "Não é bom arrotar-se princípios mais fortes que os que o nosso caráter comporta."

Com efeito, este homem que tanto preza a dignidade e a grandeza da alma, conhece por experiência a paixão e seus danos. O homem que escreveu uma das mais altas máximas que um espírito francês já forjou: "Para chegar a mim a fortuna terá de passar pelas condições que o meu caráter lhe impõe" faz prova em cada página duma sensibilidade palpitante. Ele consegue realizar essa mistura de vontade e paixão que constitui o caráter trágico — o que lhe dá um avanço considerável sobre o seu tempo. Basta situá-lo na sociedade a que, por seu mal, pertence para se ter uma idéia da aventura de desdem e desespero que uma alma de sua envergadura estava destinada a correr nesse mundo que condena. E' o romance da renúncia. A narrativa duma negação de tudo, que acaba por

abranger o próprio ser, uma corrida ao absoluto, que acaba no paroxismo da destruição, na fúria do nada.

Aventura que só ganha sentido ao sabermos de que impetuosos confiantes foi feita a juventude de Chamfort. Belo e amado, sua vida começou com o sucesso. Se o êxito social tem um sentido, pode dizer-se que a carreira de Chamfort em seus começos foi um êxito deslumbrante. Mas, justamente, não é certo que o êxito social tenha sentido, pois só pode tê-lo numa sociedade na qual acreditamos.

Aqui temos, pois, o nosso personagem instalado no meio dos seus êxitos e do seu desdem duma sociedade corrompida, animado apenas pelos impulsos duma moral particular. Imediatamente é a seus privilégios que se ataca. Ele, que vive de pensões, pede que sejam suprimidas. "Na coragem há um certo prazer que eu coloco acima da fortuna. Desprezar o dinheiro é destronar um rei". Ele, que recebe seus "jetons" da Academia, ataca-a com violência: "Em matéria de inutilidade, basta o necessário" e pede sua dissolução. Homem de monarquia, entrega-se ao partido que acabará por matá-lo. Nunca o despotismo recebeu estocadas tão ferozes: "As desvantagens de se estar em situação inferior à dos príncipes são plenamente compensadas pela vantagem de se estar longe deles." Ou esta que não envelheceu muito, em minha opinião: "Quando se considera que o produto do esforço de trinta ou quarenta séculos resultou em entregar 300 milhões de homens dispersos pelo globo à tirania duma trintena de déspotas, pela maior parte ignorantes e imbecis, cada um dos quais governado por três ou quatro celerados, muitas vezes estúpidos, que pensam da humanidade e que esperam dela no futuro?"

E esta, que as resume todas, e que é um desafio ativo à face das ditaduras de todos os tempos: "E' mais fácil legalizar certas coisas do que legitimá-las."

Chamfort afasta-se de tudo, recusa tudo, não poupa ninguém, nem se poupa. Seu próprio corpo entra em causa, o rosto outrora tão sedutor se transforma, "altera-se, fica horrível".

Mas nesse herói vai mais longe. Renunciar a seus privilégios nada é, e a destruição do corpo conta pouco comparada com a destruição da alma. Ao fim e ao cabo é nisso que reside a grandeza de Chamfort e a extrema beleza da obra que nos propõe. Porque, afinal, o desprezo pelos homens é muitas vezes a marca dum coração vulgar. Acomanha-se, nesse caso, pela satisfação própria; e só é legítimo quando se sustenta do desdem por si mesmo. "O homem é um estúpido animal — diz Chamfort — a julgar por mim". E é nisso que ele me parece ser o moralista da revolta, na medida precisa em que fez a experiência total da revolta e a virou contra ele, seu ideal, sendo uma espécie de santidade desesmerada. "Destruí minhas paixões, mais ou menos como um homem colérico mata o cavalo que não pode dominar". Uma atitude tão extrema e intratável devia conduzi-lo à negação última que é o silêncio: "Todos os dias aumento a lista das coisas de que não falo mais." Foi assim levado a escrever a obra de arte e essa força pura da linguagem que nele próprio há tanto tempo tentava dar uma forma inteligível à sua revolta. E é lógico. A arte

é o contrário do silêncio, e um dos signos dessa culpabilidade que nos liga aos homens em nossa luta comum. Para quem perdeu esse senso de culpabilidade e se colocou inteiramente numa posição de recusa, nem a linguagem nem a arte tem mais sentido. Foi sem dívida por uma tal razão que esse romance do silêncio nunca chegou a ser escrito. Em todo o caso, aqui se acaba a Comédia Mundana, ou, ao fim e ao cabo, desmente o título fútil que, se lhe dera

E' a biografia de Chamfort, que temos de pedir o fim desta história. Não conheço outra que a exceda em coerência e dramaticidade. Pois foi por coerência que Chamfort se entregou totalmente à revolução, por coerência que, não podendo mais falar, agiu. Mas é fácil verificar que tomou a si o lado negativo da revolução. Amava demasiado uma justiça ideal para aceitar a injustiça inseparável de toda a ação. "Sua fraternidade — acaba por dizer referindo-se aos revolucionários — é a de Cain e de Abel". Para quem, como Chamfort, sente a tentação do absoluto e não consegue libertar-se por meio do homem, resta apenas morrer. E foi o que ele fez, mas em circunstâncias tão horribéis que conferem sua dimensão exata a esta tragédia da moral: acaba em carnificina. A fúria da pureza identifica-se agora à loucura da destruição. No dia em que Chamfort imagina que a revolução o condena, ante o fracasso definitivo, dispara-se um tiro de pistola que lhe despedaça o nariz e lhe vasa o olho direito. Respirando ainda, volta à cirurgia, retira o pescoço às navalhas e lacera o coração. Inundado de sangue, enterra a arma nas feixes e, abrindo os pulsos, abate-se num lago de sangue que escoando-se por baixo da porta acaba por dar o alarme. Uma tal fúria de suicídio, um tal delírio de destruição, custam a imaginar. No entanto já estão comentadas nas "Máximas": "Reclamam-se as decisões violentas, mas são as que convêm às almas fortes". E' com certo este culto obstinado do extremo e do impossível que nos propõe o romance de Chamfort. Porque a profissão de moralista não pode ir sem desordens, sem furores e sacrifícios — ou não passa dum fingimento odioso. E' por isso que enervo Chamfort como um dos nossos raros grandes moralistas: a moral, esse terrível tormento dos homens, assume nele a força duma paixão pessoal e é-lhe fiel até à morte. Vejo que todos lhe censuram o amargor. Por mim, em verdade prefiro essa amargura, toda iluminada por um grande ideal de homem, à filosofia seca do aristocrata que escreveu esta máxima imperdoável, "O trabalho físico impede os males do espírito, e é por isso que os pobres são felizes". "La Rochefoucault). Chamfort, mesmo em suas mais extremas negações, nunca deixou de tomar o partido dos vencidos. Se fez mal a alguém, foi a si próprio e por razões superiores. Bem vejo, é claro, onde o seu pensamento falha. Acredita que o caráter se define pela recusa; mas há casos em que o caráter consiste em afirmar. Como admitir uma superioridade que se alheia do homem? No entanto é a que Chamfort, e depois dele Nietzsche, que o apreciava tanto, escolheram. Mas ambos pagaram o preço que implica e souberam provar que a aventura duma inteligência em busca de sua justiça profunda pode ser tão sangrenta como as maiores conquistas. Idéia que força o respeito. Idéia, também, que traz uma lição para nós e nosso mundo. E lembro-vos agora que Chamfort é um escritor clássico

(Conclui na 15.ª pág.)

O CENTENARIO DE NABUCO NO INSTITUTO HISTORICO

FALA A "LETRAS E ARTES" O EMBaixADOR JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES. PRESIDENTE PERPÉTUO DESSA INSTITUIÇÃO CULTURAL

ALMEIDA FISCHER

ESTA sendo comemorado em todo o Brasil, com solenidades das mais expressivas, o centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, o notável escritor, diplomata e abolicionista patriótico, cujo transcurso se dará a 19 do corrente.

A figura do famoso autor de "Minha Formação" tem sido evocada, por nomes da maior projeção em nosso panorama cultural, em toda a sua grandiosidade e sua obra exaltada como das mais pujantes e das que maior influência exerceram na vida brasileira.

Inúmeras instituições culturais têm realizado, nesta capital, sessões especiais comemorativas do centenário de nasci-

mento do ilustre patriota, destacando-se entre elas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que vem promovendo um curso — o "Curso Joaquim Nabuco" — constituído de uma série de conferências sobre a vida e a obra do magnífico autor de "Um Estadista do Império".

Relativamente à passagem do centenário de nascimento do

As inovações literárias e o correr dos anos não ofuscaram o seu estilo e o seu pensamento, que permanecem atuais. Há já vista o êxito sempre crescente de "Minha Formação", uma de suas principais obras de escritor, cujas edições se sucedem sem saturar o mercado literário, antes encontrando, cada vez mais, um público numeroso e interessado em estu-

clonista assim se expressou o ilustre acadêmico:

— Sobre o abolicionista Joaquim Nabuco muito se poderia dizer, pois ele foi a principal figura do movimento de libertação do negro brasileiro. Entretanto, desejo apenas acentuar o que me parece essencial em sua atuação em favor do escravo. Sendo um aristocrata como

Nabuco na tribuna

AFONSO CELSO

A FIGURA de Nabuco formava por si só o melhor dos exórdios. Bastava assomar à tribuna para empolgar a atenção e a simpatia. Muito alto, bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas esculturais, olhos magníficos, expressão a um tempo meiga e viril, nobre conjunto de força e graça, delicado gigante, Nabuco sobressaía em qualquer turba, tipo de eleição, desses que a natureza parece fabricar para modelo, com cuidado e amor.

A voz estridulava como um clarim; dominava os rumores; cortava penetrante e poderoso, as interrupções. De ordinário, despedia rajadas, como um látego sonoro. Não enroscava, antes adquiria com o exercício, vibrações cada vez mais metálicas e rijas. Voz de combate — a do comandante excitando os soldados no aceso da batalha. A gesticulação garrida, as atitudes plásticas de Nabuco contribuíam para a grande impressão produzida pelos seus discursos. Consistia em dos seus movimentos habituais em meter as mãos nos bolsos das calças, ou então, em enfiar dois dedos da dextra na algibeira do colete. Desse e outros gestos provinha-lhe vantajoso ar de desembaraço e petulância. Articulava sílaba por sílaba os vocabúlos, sublinhando os mais significativos.

A tantos preciosos predicados, juntavam-se imensa verbosidade, vivaz imaginação poética, corroborada por atirados estudos literários, fértil em radiantes metáforas, entusiasmo, natural eloquência, inspiração. Nabuco, demais, sempre escolhia para temas assuntos levantados — problemas sociais, filosóficos e religiosos de alcance universal. Fugia às polémicas individuais, às intrigas da politiquice. Não se submetia à disciplina e as conveniências partidárias; desconhecia chefe.

Olimpico, sobrepujando a multidão com a avantajada estatura, manuseava vagarosamente as notas, sorria, os olhos entre-fechados, refletia, aguardava a cessação do rumor, desprezava os apertes, ou levantava o que lhe convinha, e de repente partia em novo arremesso.

Mal descerrava os lábios, restaurava-se o silêncio. Nem era possível detê-lo. Continuasse o ruído, e a potente voz, a vertiginosa dición de Nabuco prestes o abafariam. As perorações de argente sopro lírico eram cuidadosas e habilmente preparadas. Para aí a imagem mais pomposa, a declaração de maior alcance, o gesto mais teatral. Provocavam estrepitosas ovações nas galerias.

Sentava-se Nabuco, e, durante minutos ficavam os trabalhos virtualmente suspensos, enquanto não se esvaneciam as ressonâncias de seus possantes e mágicos acentos, repercutidos no que a inteligência e o coração possuem de mais elevado e sensível.



O Embaixador Macedo Soares falando a "LETRAS E ARTES"

emérito intelectual e homem público pernambucano, "Letras e Artes" ouviu o embaixador José Carlos de Macedo Soares, presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos grandes conhecedores da obra de Nabuco.

UM HOMEM QUE SE ANTECIPOU A SUA ÉPOCA

Recebidos cordialmente em seu gabinete de trabalho, no Instituto Histórico, o embaixador José Carlos de Macedo Soares, letrado do propósito que nos levava à sua presença, declarou-nos de pronto:

— Após cerca de quarenta anos de seu falecimento, a obra de Nabuco, levada a efeito nos vários setores da vida nacional em que empregou sua atividade, sua inteligência e sua cultura, não se diluiu na perspectiva do tempo, não se reduziu nem se amesquinhou no julgamento dos pósteros, mas cresceu e se agigantou aos olhos das gerações presentes à medida que se tornava mais conhecida e melhor compreendida. Nabuco foi um espírito que se antecipou à sua época, tendo sido talvez o mais liberal dos nossos monarquistas. Sob vários aspectos — pode-se mesmo dizer — sua atuação, no cenário da vida brasileira, só foi superada em importância pela de Rui, seu ilustre contemporâneo, cujo centenário de nascimento também este ano se comemora.

O ESCRITOR

Focalizando o homem de letras assim se expressou o embaixador José Carlos de Macedo Soares:

— Escrevendo sem rebuscamento, fazendo da fluência e da simplicidade as características mais sensíveis de seu estilo cheio de beleza e graça, Nabuco foi uma das nossas mais legítimas expressões literárias. A essa fluência e a essa simplicidade no escrever, além da vitalidade de seu pensamento, talvez se deva a permanência de sua obra de escritor, principalmente dos seus livros mais famosos: "Minha Formação" e "Um Estadista do Império".

dar-lhe as minúcias e surpreender, em suas páginas de encantadora leitura, novas belezas.

Em "Um Estadista do Império", outra de suas obras mestras, Joaquim Nabuco traçou não apenas o perfil de seu ilustre pai, mas também, e principalmente, o retrato vigoroso e fiel de toda uma época.

O DIPLOMATA

Ao mesmo tempo em que despachava o expediente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e atendia às várias pessoas que o procuravam, o embaixador José Carlos de Macedo Soares, ia-nos falando sobre a personalidade, a vida e a obra de Joaquim Nabuco. Sobre o diplomata, o ilustre acadêmico disse-nos:

— Nabuco foi diplomata dos mais eminentes que o Brasil possuiu. Tendo sido injustamente vencido na questão da Guiana inglesa, ficou contudo vitorioso ante a posteridade, pois sua enorme e brilhante defesa do Brasil, contida no Livro apresentado ao árbitro italiano, foi louvada e enaltecida por todos os especialistas do Direito Internacional, especialmente os europeus e norte-americanos, que o consideravam um dos maiores diplomatas americanos de seu tempo, fato aliás recordado, com a bravura linguística que lhe foi peculiar e todos lhe reconhecemos, por Rui Barbosa. Vale lembrar aqui a frase de Rui a propósito da defesa do Brasil apresentada por Nabuco ao rei da Itália: "Porque o trabalho do nosso advogado foi gigantesco. Eu o perecei todo e, nesse gênero de literatura não lhe conheço coisa comparável".

Sobre Nabuco — diplomata — continua o embaixador José Carlos de Macedo Soares — as melhores páginas que conheço foram escritas pelo chanceler Raul Fernandes na conferência que proferiu em São Paulo, sob os auspícios da Faculdade de Direito, em janeiro de 1927, publicada posteriormente no "Jornal do Comércio" desta capital.

O ABOLICIONISTA

Referindo-se a Nabuco aboli-

os que mais o foram, Nabuco, levado pelo seu alto sentimento de humanidade e pelas suas convicções libertárias, colocou-se em posição contrária à de sua classe e aos seus próprios interesses, ele que nada teria a lucrar com a abolição da escravatura. Foi, portanto, um lutador desinteressado, que não visava nada além do que extirpar um tumor maligno, que nos envergonhava aos olhos do mundo, do organismo da nacionalidade. A gratuidade de seu empenho entusiástico em prol da libertação do negro é o que mais deve ser ressaltado em toda a sua brilhante e destemida atuação de fervoroso abolicionista.

O "CURSO JOAQUIM NABUCO"

Terminando suas declarações à nossa reportagem, o autor de "Fronteiras do Brasil no Regime Colonial" fez referências ao "Curso Joaquim Nabuco", que está sendo realizado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como parte das solenidades comemorativas do centenário de nascimento do ilustre patriota.

— O curso promovido pelo Instituto Histórico — diz-nos o embaixador José Carlos de Macedo Soares — vem obtendo o mais completo êxito. Já se realizaram sete conferências, que estiveram a cargo de personalidades das mais eminentes do panorama intelectual brasileiro, como os srs. acadêmico Antônio Austregesilo, desembarga-

dor José Duarte, deputado Aureliano Leite, acadêmicos ministros Anibal Freire, Mucio Leão e Celso Vieira, e d. Odeite de Carvalho e Souza, do Ministério das Relações Exteriores.

Mais quatro conferências serão realizadas durante o Curso, devendo ocupar a cátedra o professor Artur Reis, o jornalista Anibal Fernandes, diretor do "Diário de Pernambuco", o deputado Gilberto Freyre e o acadêmico Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras.

O "Curso Joaquim Nabuco" será encerrado a 6 de setembro, pelo orador oficial do Instituto Histórico, o magnífico Rector da Universidade do Brasil Acadêmico Pedro Calmon.

II Semana Folclórica em São Paulo

A COMISSÃO Nacional de Folclore do IBECC, realiza este ano, em S. Paulo, a II Semana Nacional de Folclore, do que se incumbiram a Sub-Comissão Paulista de Folclore e o Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", sob a direção do prof. Rosalino Tavares Lima, de 16 a 22 do corrente.

No ano passado, a I Semana Folclórica se efetuou nesta capital, no Ministério da Educação, com uma Exposição de Artes Populares, uma série de conferências e palestras, exibição de filmes e uma Mesa Redonda, em que tomaram parte Gilberto Freyre, Artur Ramos, Cecília Meireles, Joaquim Ribeiro, Alceu Maynard Araújo, Nobrega da Cunha e Mariza Lira, orientando os debates o sr. Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão.

Cada ano a Semana, coincidindo sempre com a data de 22 de agosto, quando pela primeira vez foi empregada a palavra Folk Lore, pelo etnólogo inglês William John Thoms, em artigo no The Athenaeum, de Londres, será, de ora em diante, realizada num dos Estados, pela Sub-Comissão local.

O programa da II Semana Nacional de Folclore, que se realizará no salão nobre do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, por especial gentileza do seu Diretor, Dr. Corl Gomes Amorim, além de uma Exposição Folclórica, na sede do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", constará de conferências dos srs. Rosalino Tavares Lima, sobre o Folclore na obra de Mário de Andrade, Dalmo Belfort de Mattos — O Círculo da Água no Folclore Paulista e de D. Mariza Lira, A função da característica da nossa música popular; de apresentação de documentos musicais registrados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", a cargo do Conjunto "Luclano Gallet" e da Senhorita Inez Simão; da exibição de filmes folclóricos, com explicações do prof. Alceu Maynard Araújo; concertos da Banda de Música "Major Antônio", do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, sob a regência do maestro Antonio Bento da Cunha, executando programas de músicas populares; apresentação no vivo de personagens do Moçambique, de S. José de Paraltina e da Marujada de Iguape; e romaria aos túmulos de Amadeu Amaral e Mário de Andrade.

Inaugurará a II Semana Nacional de Folclore, o sr. Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore que, em discurso, estudará a situação atual dos nossos estudos folclóricos. Na sessão do encerramento, que coincide com o 3.º aniversário da fundação do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", falará o sr. Oswald de Andrade Filho.

Foi especialmente convidado a comparecer à II Semana Nacional de Folclore o Dr. Levi Carneiro, presidente do IBECC, sob cujo patrocínio se realiza o certame.

LEIAM

A história edificante dos israelitas nas Américas! A vida árdua e redentora, no trabalho, dos laboriosos Italianos, Alemães, Libaneses, Sírios, Portugueses, Espanhóis e outros mais, na formação econômica dos países americanos! Histórias dos Mestres no sertão das Américas. Contos, lendas, narrativas e farto documentário sobre o alvor comercial do Brasil!

Um livro maravilhoso: "MEMÓRIAS DE UM MASCATE", que surge na alvorada de 1949! Obra do novel escritor TANUS JORGE BASTANI. Documento para todas as gerações!

Pedidos à EDITORA E LIVRARIA BRIGUIET & CIA.

Rua do Ouvidor n. 109 — Rio de Janeiro.

A venda em todas as livrarias do Brasil. PREÇO: CR\$ 60.00.

REFORMAS ORTOGRAFICAS

A paternidade de todas as reformas ortográficas que tanto têm atormentado a nossa língua cabe incontestavelmente a dois homens: em Portugal, Gonçalves Viana; Medeiros e Albuquerque no Brasil.

A Academia das Ciências de Lisboa, por proposta do prof. Vasconcelos de Abreu, incumbiu Gonçalves Viana de elaborar um questionário ortográfico, a fim de ser distribuído para estudos a todos os académicos e dessa forma permitir a organização de um sistema ortográfico uniforme, no qual prevalecesse sobre cada ponto controverso a solução que maior número de votos favoráveis alcançasse. Quer dizer: desejava a Academia das Ciências realizar uma espécie de plebiscito erudito, para simplificar a ortografia portuguesa. Daria assim a Portugal uma ortografia aprovada por sufrágio académico, em assembleia ordinária.

O trabalho do filólogo é de 1904. Surgiu com o título de "Ortografia Nacional". E foi sob a influência dele que, entre nós Medeiros e Albuquerque, em 1907, fez a nossa primeira tentativa de reforma, e Portugal a sua em 1911. Foi pois o capítulo inicial de uma série interminável de controvérsias, discussões e mal-entendidos. Até hoje o Brasil e Portugal sofrem as consequências das dúvidas e dos ressentimentos daí decorrentes.

A preocupação com o problema é, entretanto, quase contemporânea da descoberta do Brasil. Já no século XVI, ali pela altura de 1576, o gramático Duarte Nunes Leão indicava as vantagens de disciplinar a grafia do idioma. Escreveu mesmo um tratado na "Ortografia da Língua Portuguesa". No século XVIII, outro gramático, José de Moraes Madureira Feijó, divulgava a sua "Ortografia" com propósitos idênticos. Isso sem falar no nosso velho e famoso Pero Magalhães Gandavo, amigo de Camões e autor de uma excelente "História da Província de Santa Cruz", que em 1574, — antes portanto, de Nunes Leão, — achou que devia publicar as suas "Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa".

Vem a propósito, este mês, recordar esses fatos, porque foi em agosto de 1910, no dia 6, que a Academia, sob a presidência de Medeiros e Albuquerque aprovou o seu primeiro projeto de "Vocabulário Ortográfico". Por esse projeto dividiu-se o dicionário de Cândido de Figueiredo em grupos de quatro páginas para serem sucessivamente estudadas pelos académicos. Essa obra serviria de base para o trabalho, recomendando-se, porém, que se consultassem, para completá-lo os estudos congêneres de Gonçalves Viana e outros.

UM MORALISTA DA REVOLUÇÃO: CHAMFORT

(Conclusão da 13.ª pag.)

co. Vê-se, pois, que o classicismo não se define pela calma e o decoro como pretendem os manuais. O Príncipe de Clèves morre de desespero e Mme. de Clèves entra num convento. D. João precipita-se nos Infernos, apesar de todas as advertências. Alceste, incapaz de suportar a hipocrisia, isto é, a sociedade, perde-se no deserto para esquecer a face humana. Ifigênia, Britânico, Pelicutes, muitos outros, são as vítimas sangrentas dessa obstinação homicida que tem por nome a moral. O universo dos nossos clássicos ressoa do grito das vítimas e dos assassinos. Que esse grito tenha suscitado a mais bela linguagem, que essas hecatombes sejam harmoniosas e puras, aumenta ainda a força trágica dum tal universo. Sim, se a coerência, o gosto pelo raciocínio, a lógica, mesmo a homicida, a exigência obstinada da moral, são virtudes clássicas, pode dizer-se então que a maneira que Chamfort escolheu de ser clássico foi a morte. O que restitui a essa noção a desmedida grandeza e violência que os grandes séculos lhe deram e que é nosso dever conservar-lhe.

(Tradução de Maria da Saúde Cortesão)



DIóGENES LAERCIO

tretanto — tantos anos decorridos! — ainda não temos no Brasil uma ortografia certa, uniforme e oficial!

CANTIGAS DE ENCURTAR CAMINHO

Esse o livro do dia: As "Cantigas de encurtar caminho", de Olegário Mariano. Esperado ansiosamente pelos fãs do poeta, esse livro de título encantador, é uma coleção dos últimos poemas de Olegário Mariano, tão ricos de substância lírica e força encantatória.

TAMANDARÉ

Gustavo Barroso já entregou ao prelo o seu novo livro: uma biografia de "Tamandaré".

NABUCO

O sr. Cláudio de Souza, oferecendo à biblioteca da Academia o novo livro do sr. Celso Vieira, fez o elogio do autor, ardente e entusiasta, mostrando a importância que tem, neste momento, o aparecimento dessa bela biografia de Nabuco.

TRES TRAGÉDIAS, DE RACINE

Na última sessão da Academia, o sr. Peregrino Junior pronunciou as seguintes palavras: "Venho oferecer à biblioteca da Academia um exemplar especial de um livro singularmente interessante: a tradução de "Três tragédias" de Racine pela sra. Jenny Klabin Segall. A arte de bem traduzir é, em literatura, uma arte sutil e difícil. Entre a tradução e a tração a distância é sabidamente curta — curta

ta e enganadora. Raros são os tradutores que não traem e muitos, porém, são aqueles que, além de traír, deformam e comprometem os originais. Temos hoje, felizmente, no Brasil, para consolar-nos da legião dos tradutores incompetentes e desonestos que pululam por aí, alguns tradutores de alta classe, que elevaram a tradução ao nível superior de uma autêntica obra de criação. Manoel Bandeira, Guilherme de Almeida e Onestaldo Pennafort conseguiram, na Poesia, reabilitar o prestígio da tradução entre nós, transpondo para a nossa língua, com fidelidade exemplar, alguns dos poemas mais belos das línguas francesa e inglesa. A este grupo de tradutores de alta categoria veio juntar-se ultimamente uma fina e culta dama da sociedade paulista: a sra. Jenny Klabin Segall. Tendo traduzido Goethe há tempos para o português, animou-se justamente com o êxito da sua bela iniciativa, e deu-nos agora "Três tragédias" de Racine, em limpa e bela versão portuguesa. Prefaciando este livro, Roger Bastide chama a atenção com acerto, para a dificuldade que há em fixar, numa tradução, a música do verso de Racine. Essa música é tanto mais difícil de captar e reproduzir quanto resulta da escolha das palavras e de seu valor sonoro. "E pelas alterações — diz ele — os "e" mudos, as vogais cantantes, as elipses e as inversões, os anacolutos e as sílipes como pelo corte dos versos, que Racine conseguiu afinar as suas mais perfeitas harmonias". Só havia, pois, um método possível para não traír o gênio do autor: a máxima fidelidade ao texto. E esta fidelidade é a grande virtude das traduções da sra. Jenny Klabin Segall. Bem-el-

tando rigorosamente o ritmo do verso, a ordem das palavras e a equivalência dos sons, as inversões e as sínteses, que são o segredo do verso raciniano, a sra. Klabin Segall deu-nos uma tradução admirável pela paciente exatidão e pela severa probidade. E com isto prestou um bom serviço à cultura brasileira.

O ELEVADOR DA ACADEMIA

O elevador da Academia andou ultimamente desmantelado durante longos dias. Não funcionava — os académicos tinham que subir para a sala das sessões, todas as quintas-feiras, pela escadinha de caracol. Era uma dura prova, uma verdadeira prova de acrobacia — e moços e velhos a ela se submetiam sem protesto. Entretanto, um dos académicos mais jovens, o sr. Mucio Leão, propôs e foi aprovado, que enquanto o elevador estivesse desarranjado as sessões se realizassem no salão do andar térreo. E uma tarde, no grande salão azul, o sr. Austregésilo, irritado com os intermináveis concertos do elevador, fez uma autêntica catilinária contra este — "sempre enferrujado, lerdoso e imprestável" — e interpelou a respeito o Presidente. O sr. Gustavo Barroso tomou a si a defesa do elevador: apesar de velho, continuava a prestar ótimos serviços. Estava em concertos; mas não ia anosentar-se. Dentro em pouco teríamos de novo, útil e ativo, a subir e a descer, como é de seu destino. — Mas o nosso elevador já não merece este nome, porque não tem mais força para elevar coisa nenhuma! exclamou o sr. Austregésilo.

E o sr. Gustavo Barroso, defendendo o velho elevador: — V. Exa. está sendo injusto. Vamos vê-lo, muito breve, restaurado e eficiente! E realmente o velho elevador já reassumiu suas funções, com segurança e pontualidade.

CONFERENCIA DO CEL. LEONY MACHADO SOBRE GOETHE

Será no dia 23 às 17 horas, no salão azul do Petit Trianon, sob a presidência do sr. Gustavo Barroso, que o Cel. Leony Machado proferirá a sua anunciada conferência "Os amores de Goethe". Essa conferência promovida por "Letras e Artes", constitui sem dúvida um dos capítulos mais significativos do programa de comemorações do bi-centenário de Goethe, e vai ter grande êxito literário e social.

CENTENARIO DE NABUCO

Na sessão solene do dia 19, às 17 horas, falarão sobre Nabuco, os srs. Gustavo Barroso, presidente da Academia e Levi Carneiro, ocupante da cadeira n. 27.

CONGRESSO DE LINGUA VERNACULA

Tendo de partir para a Europa, o sr. Aloysio de Castro renunciou a presidência do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula. A Academia, por proposta do Sr. Peregrino Junior designou o sr. Gustavo Barroso para substituí-lo.

PARTEM PARA A EUROPA DOIS ACADEMICOS

Partiram para a Europa no dia 11 os srs. A. Austregésilo e Aloysio de Castro, que vão tomar parte no Congresso de Neurologia do País.

CONFERENCIA EM RECIFE

A convite do sr. Barbosa Lima Sobrinho, Governador de Pernambuco, seguiu para Recife o sr. Celso Vieira, que vai inaugurar uma série de conferências sobre Nabuco. Durante sua permanência em Recife, o sr. Celso Vieira oferecerá flores no monumento de Nabuco, em nome da Academia.

AMARO CAVALCANTI

Na última sessão da Academia o sr. Peregrino Junior fez o elogio de Amaro Cavalcanti, cujo centenário se comemora no dia 15.

EXPOSIÇÃO GOETHIANA

Sob o patrocínio da Academia, vai realizar-se na Biblioteca Nacional uma grande Exposição de obras, originais e retratos de Goethe.

Originais de Rembrandt e Duerer

Interessante exposição foi inaugurada na Livraria Askansas, Rua da Quitanda, 65 (entre 7 de Setembro e Ouvidor), na 2.ª feira, às 16 horas. Trata-se de uma coleção de gravuras



originais de Rembrandt e Duerer que chegaram da Holanda e da Inglaterra para a Livraria Askansas. Aham-se, entre os originais, famosas gravuras como "Estudo de seis cabeças entre elas a da Bela-Saskia", "Os Mendigos" e "A Volta do Filho Pródigo", todas estas de Rembrandt, e a belíssima litogravura "São Jerônimo na Célula" de Duerer. Além das gravuras originais, a Livraria Askansas reuniu uma vintena de copias antigas dos séculos XVII e XVIII sobre outras gravuras de Rembrandt e Duerer.

NOS BASTIDORES DAS LETRAS



— Accito, mas com a condição de não bebermos álcool.

Lucio retrucou:

— Tomaremos apenas duas "grapettes" com açúcar.

No bar, o romancista familiarmente pediu ao garçon:

— "Duas com açúcar".

Seu convidado começou a beber e sentiu o líquido amargo. O "açúcar" era apenas uma metáfora, e significava uma boa aguardente misturada ao refrigerante.

Como o amigo reclamasse, Lucio fez o esclarecimento:

— Isso é uma genial invenção de Octávio de Faria, de modo que você não pode se recusar a beber...

● Camus é realmente um espirito arguto — dizia segunda-feira Peregrino Junior, numa porta de livraria. E explicitava ao interlocutor: Você não viu o que ele disse na sua conferência "Les Temps des Meurtriers", no Ministério da Educação?

— Não me lembro.

— Que o carrasco estava de cima.

— E que tem isso?

— Não viu o resultado do Sweepstake...

● Viriato Corrêa sofre de verdadeira termofobia. Considera-se febril com 36,5º. Ainda há pouco, um ligeiro resfriado levou-o a tomar a própria temperatura. Que horror! 37,2º! Viriato foi imediatamente ao telefone pedindo com urgência um médico, que o encontrou no letto, quase a gemer.

— Estou muito mal, doutor! Que temperatura, meu Deus!

— Mas quanto tem?

— 37 e 2!... suspira o Viriato. E o médico, depois de tomar-lhe a temperatura encora-o, com bonomia:

— Mas, dr. Viriato, o senhor, da Academia Brasileira, teatrólogo consagrado, historiador e jornalista, enfim um homem com tantos atributos, bem merece, sem dúvida, uma temperatura mais elevada!...

● Alguém indagou ao académico Afonso Penna Junior:

— Por que é que os mineiros são assim tão desconfiados?

Ao que o ilustre ensaísta retrucou:

— Pudera, vivendo juntos durante tanto tempo!

● O poeta e jurista Francisco de Campos é um homem conhecido pelo seu humour. Quando ministro da Justiça, ele telefonou ao então ministro da Educação, sr. Gustavo Capanema. Era de madrugada, e o autor de "O Ciclo de Helena" disse ao seu companheiro ministerial:

— Capanema, não quero sobressaltá-lo, mas passei agora mesmo de automóvel pelo Ministério da Educação e vi uma fumacinha. Parece que há um incêndio...

Inquieto, o sr. Capanema desligou imediatamente, convocou os seus oficiais e chefe de gabinete, que dormiam naquela avançada hora, e rumaram todos para o Ministério, onde nada viram a não ser a rala névoa da madrugada cartoca...

● Lucio Cardoso encontrou-se com um amigo não afeto à vida boêmia e convidou-o para trem a um bar.

Letras e Artes

RIO DE JANEIRO, Domingo, 14 de agosto de 1949



Ilustração de SANTA ROSA L.

INÉS E CATARINA

DUAS MULHERES CHEGAM-SE, MEDROSAS,
PARA PERTO DA ESTATUA CUJA FRONTE
A MANHA QUE DESPERTA NO HORIZONTE
ENCHE DE CLARIDADES JUBILOSAS.

VESTEM AMBAS AS ROUPAS GLORIOSAS,
CUJOS FIOS DE LUZ NÃO HA' QUEM CONTE.
MAS QUEM SÃO ESSAS FORMAS VAPOROSAS,
COMO AS NEVOAS QUE DESCEM SOBRE O MONTE?

UMA TRAZ AS "HERVINHAS", COM AS FLORES
QUE ELA COLHEU NA FONTE DOS AMORES
A QUEM "DEPOIS DE MORTA A FEZ RAINHA";

A OUTRA, QUE ERA A VIDA, ERA O DESEJO,
QUE ENCHIA A GRANDE ALMA QUE ELE TINHA —
NOIVA DE SUA GLÓRIA — TRAZ-LHE UM BEIJO.

APOTEOSE

ELE FOI UM ARTISTA SOBERANO,
E SO' TEVE NA ARTE UM IDEAL:
ERA A PÁTRIA, POR ISSO, PORTUGAL,
QUE ELE AMOU COM ALMA DE ROMANO;

A QUEM DISSE, MIRANDO-O NO OCEANO:
"PODES MORRER, QUE EU TORNO-TE IMORTAL".
E' HOJE O VASTO, O IMENSO PEDESTAL
DO VULTO DO POETA SOBRE-HUMANO.

NESSE BRONZE QUE OS TEMPOS NÃO CONSOMEM,
ELE PAGA UMA DIVIDA DE GLÓRIA
A MAIOR QUE UM PAIS DEVEU A UM HOMEM —

É DE JOELHOS, NO CHÃO DA SUA HISTÓRIA,
LEMBRANDO-SE DA GRANDE INGRATIDÃO,
PEDE AO DEUS DOS "LUSIADAS" — PERDÃO!